PRÊMIO ARI DE JORNALISMO 2023
Reportagem Econômica

MAPA ECONÔMICO DO RS

Caderno Especial do Jornal do Comércio
Porto Alegre, quinta-feira, 22 de agosto de 2024

CESAR SILVESTRO/APROVALE/DIVULGAÇÃO/JC

Serra quer produzir vinho do futuro e alavancar turismo

Região busca inovar na produção, atenta a mudanças no clima; área industrializada do RS planeja retomada também através de serviços

2ª temporada - 2024
2ª edição
Região da Serra
Região das Hortênsias
Campos de Cima da Serra
Paranhana e Encosta da Serra
Vale do Caí

FIERGS
GOVERNO DO ESTADO RIO GRANDE DO SUL O futuro nos une.
BRDE
CREA-RS Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul
CIEE RS
corsan Nossa natureza movimenta o Rio Grande.
TRAMONTINA

Panorama

Um mapa da economia gaúcha dividido em cinco grandes regiões

Regionalização do Estado ganha atualizações no 2º ano do Mapa Econômico do RS

A segunda edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, projeto do Jornal do Comércio que traça uma radiografia da economia gaúcha, mantém, em 2024, o formato de cinco recortes regionais no Estado.

A lógica de agrupar por afinidade econômica e proximidade geográfica os 28 Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes) – que formam regiões funcionais no planejamento do Rio Grande do Sul – é mantida, segundo parâmetros da Secretaria Estadual de Planejamento.

No entanto, levando em consideração vocações econômicas locais, fluxos populacionais regionais, fatores históricos e climáticos, que apontam para potenciais produtivos semelhantes, neste ano o Mapa atualiza dois agrupamentos para retratar com mais precisão o dinamismo econômico do Rio Grande do Sul.

As regiões Sul, Campanha e Fronteira Oeste têm acrescida a região Centro-Sul, formando um dos cinco blocos do RS. Afora as semelhanças e relações das cadeias produtivas que interagem mais do que o observado no recorte anterior, quando o Centro-Sul foi retratado com a Região Metropolitana, há um fluxo logístico e produtivo ali que aponta ao Sul.

Critérios semelhantes foram adotados ao considerar os municípios do Corede Alto Jacuí, onde se desenvolve a agricultura de precisão, especialmente relacionada à cultura da soja. Agora, o Alto Jacuí está no mesmo recorte dos municípios mais ao Norte e Noroeste do Rio Grande do Sul, justamente onde a cultura da soja responde diretamente pelo desenvolvimento econômico regional.

Assim, busca-se nesta forma de organização do Mapa Econômico do RS em 2024 aprimorar a regionalização para obter uma melhor percepção das diferenças locais e da diversidade econômica do Estado.

Desta forma, o conteúdo poderá cumprir melhor com seu objetivo de gerar indicadores econômicos do Rio Grande do Sul para empresários, executivos, potenciais investidores, economistas, governos, gestores públicos e a todos interessados no desenvolvimento econômico do Estado.

O Mapa, portanto, está dividido em cinco capítulos:

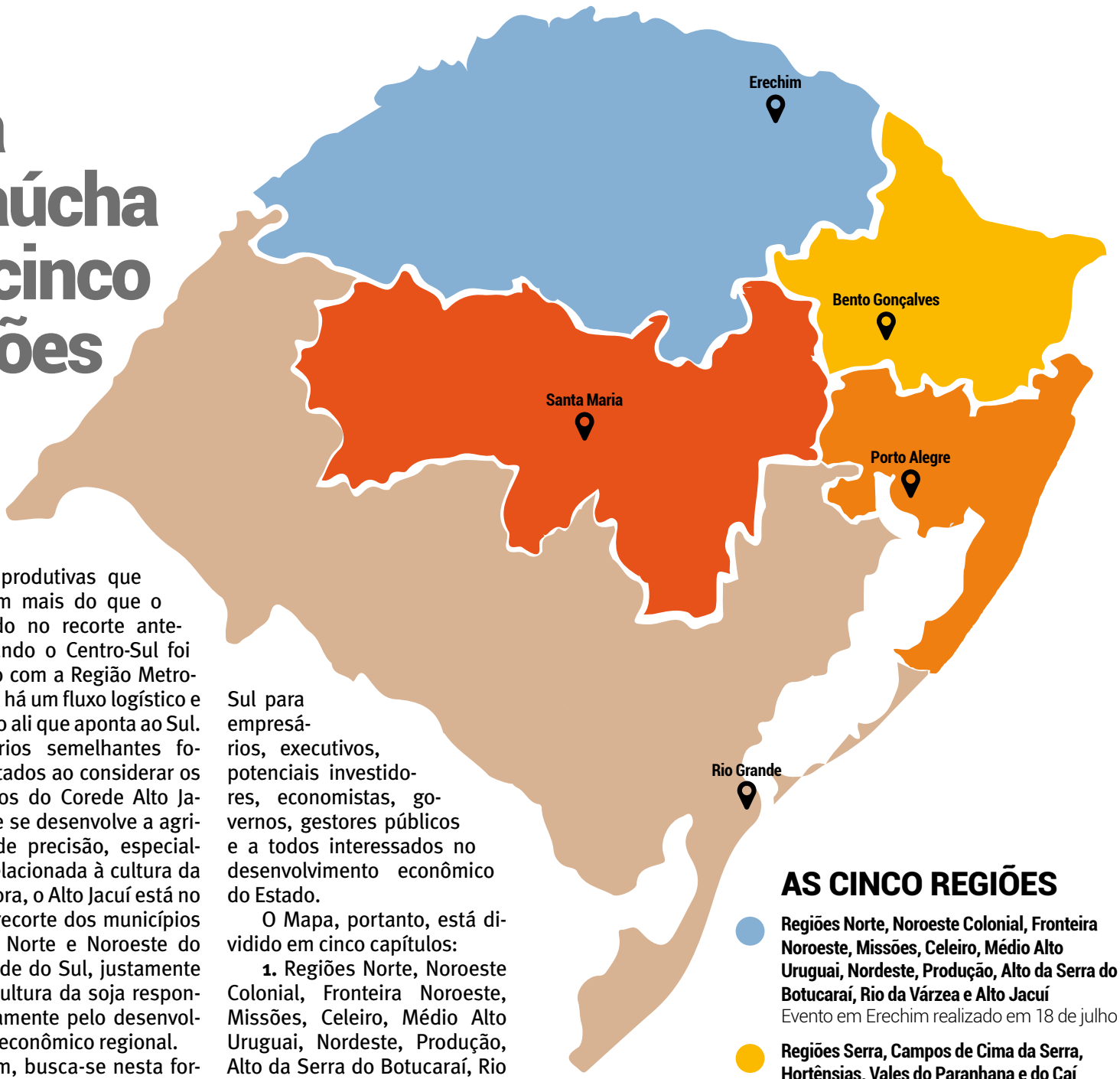
1. Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí;

2. Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí;

3. Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste

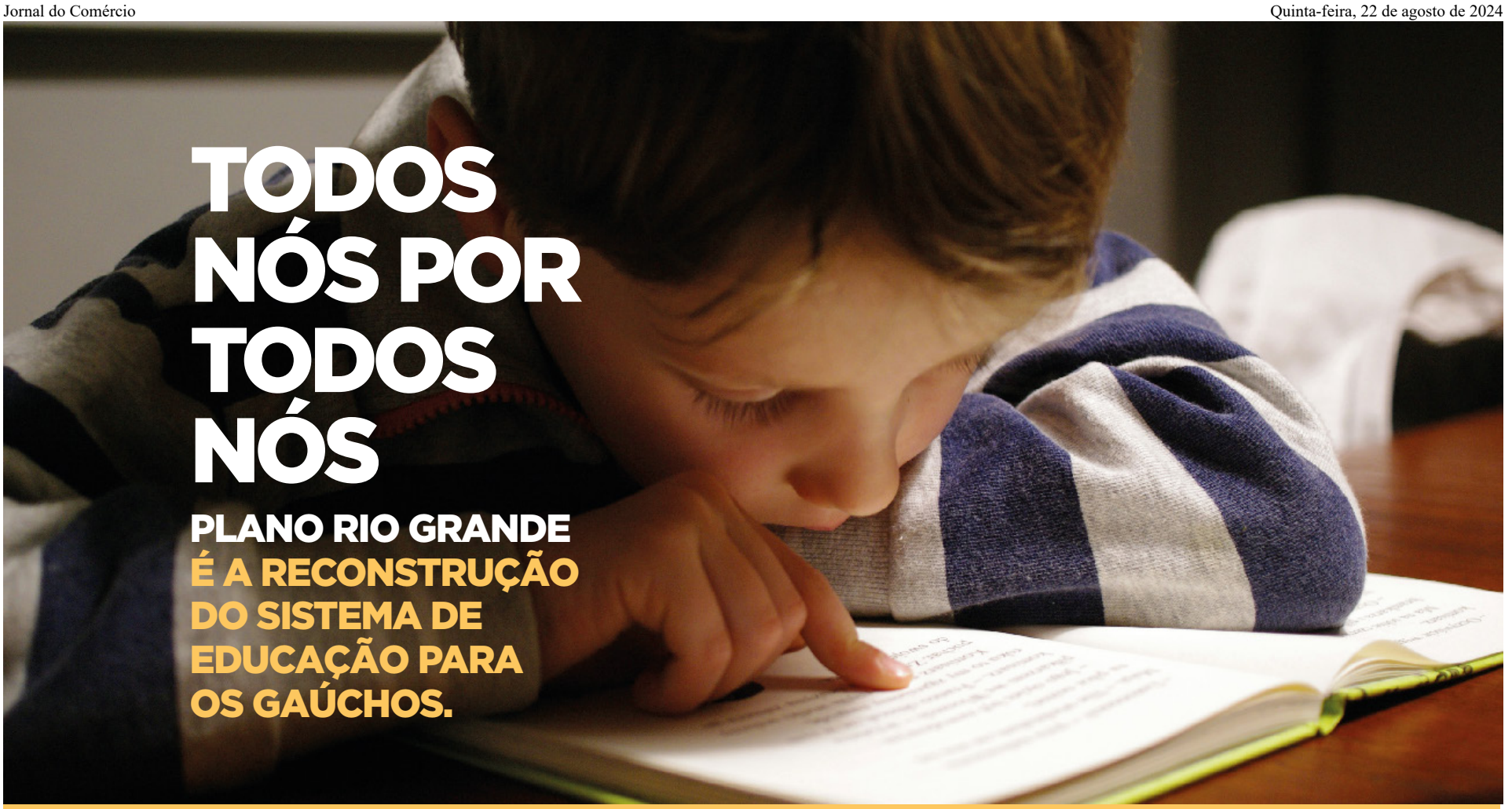
4. Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro;

5. Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral.



AS CINCO REGIÕES

- **Regiões Norte, Noroeste Colonial, Fronteira Noroeste, Missões, Celeiro, Médio Alto Uruguai, Nordeste, Produção, Alto da Serra do Botucaraí, Rio da Várzea e Alto Jacuí**
  Evento em Erechim realizado em 18 de julho
- **Regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí**
  Evento em Bento Gonçalves realizado no dia 15 de agosto
- **Regiões Sul, Centro-Sul, Campanha e Fronteira Oeste**
  Evento em Rio Grande em 17 de setembro
- **Regiões Centro, Vales do Taquari, do Jaguari, do Rio Pardo e Jacuí Centro**
  Evento em Santa Maria em 17 de outubro
- **Regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral**
  Evento em Porto Alegre em 19 de novembro



Mais de R$ 1,5 bilhão investidos na reconstrução do nosso Estado.

O Plano Rio Grande já é uma realidade na saúde, na infraestrutura, na habitação e em diversas outras áreas. **Confira abaixo alguns números da recuperação do Estado na educação:**

Mais de R$ **51,5 MILHÕES** — **Agiliza (autonomia financeira).**

Mais de R$ **18,2 MILHÕES** — **Merenda (repasse extra para merenda escolar).**

Mais de R$ **40,3 MILHÕES** — **Mobiliário escolar.**

ACESSE O QR CODE E VEJA O QUE ESTAMOS FAZENDO POR TODOS NÓS.

PLANO RIO GRANDE
Todos nós por todos nós.

GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL

Carta do editor

Serra busca retomada e aposta na inovação

MARCO QUINTANA/ARQUIVO/JC

Guilherme Kolling
Editor-Chefe do Jornal do Comércio

O projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul entra na segunda temporada com novos desafios. Além da difícil tarefa de fazer uma radiografia da diversidade da atividade econômica gaúcha, outros fatores serão considerados com mais atenção neste levantamento.

O tema ambiental já estava no foco, considerando que buscamos retratar uma economia em transformação, em que um dos pilares dessa mudança é a busca por sustentabilidade. Agora, pode-se dizer que a questão ganha ainda mais atenção após a tragédia climática que atingiu o Estado.

Assim, dois eixos estarão em destaque nos cinco capítulos do Mapa Econômico 2024:

1) oportunidades de desenvolvimento em uma economia que se transforma em busca de mais sustentabilidade;

2) desafios para a retomada econômica do Rio Grande do Sul após as enchentes de maio.

O segundo conteúdo especial da série Mapa Econômico neste ano aborda as regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí. O recorte reúne cinco das 28 microrregiões do Estado denominadas Coredes (Conselhos Regionais de Desenvolvimento), de acordo com organização da Secretaria Estadual do Planejamento estabelecida há 30 anos.

Muito industrializada e empreendedora, essa parte do RS foi bastante afetada pelas enchentes de maio. Além dos efeitos trágicos na vida das pessoas, a infraestrutura foi bastante impactada. Enquanto a região trabalha pela retomada econômica, percebe-se uma transformação gradual, que tem como eixos a inovação e a sustentabilidade. E as mudanças climáticas aceleram essas iniciativas.

Nesta edição, diversas reportagens mostram ações voltadas ao meio ambiente. Na produção vitivinícola, por exemplo – uma das cadeias produtivas mais tradicionais da região –, já há trabalhos buscando a produção do vinho do futuro, com mais manejo no cultivo da uva, cobertura permanente do solo, irrigação, precisão e monitoramento meteorológico constante. Paralelamente, busca-se reduzir o uso de produtos químicos e a pegada de carbono, incluindo aí a parte industrial.

> Segundo capítulo da nova temporada do projeto Mapa Econômico do RS mostra transformações em curso na região

A busca por sustentabilidade também abre mercados no exterior e está na agenda do polo metalmecânico, com diferentes iniciativas de gigantes da região, como Tramontina, Randoncorp e Marcopolo.

Como disse o empresário Clovis Tramontina ao projetar a retomada da Serra durante o painel realizado pelo Jornal do Comércio, "nós vamos nos reerguer, mas é preciso inovar".

Além do polo moveleiro, calçadista e de confeções, outro eixo importante do desenvolvimento local é o turismo, seja na Região das Hortênsias, seja o enoturismo no Vale dos Vinhedos e entorno. A recuperação já está acontecendo, mas lideranças locais são unânimes ao destacar a importância da infraestrutura para a retomada, desde a normalização e melhoria das estradas até a reativação do aeroporto da Capital.

Tal como ocorreu no debate da Região Norte, na Serra também já se defende uma convergência para unir esforços em torno de um aeroporto de referência para a região – no painel promovido pelo Mapa, a tese foi de fortalecer o atual terminal já em operação em Caxias do Sul.

Mais uma vez, esse trabalho mostra a importância da visão local sobre o desenvolvimento do Estado. A tarefa de radiografar toda essa riqueza e diversidade é ambiciosa, mas nos propusemos a enfrentar o desafio porque está em linha com o trabalho do Jornal do Comércio, o diário de economia e negócios do Rio Grande do Sul.

De certa forma, esse Mapa Econômico do RS pode servir de metáfora ao nosso trabalho cotidiano. Ao publicar matérias sobre novos negócios e empreendimentos diariamente, o JC está fazendo um raio-X da economia gaúcha a cada edição.

No Mapa Econômico, esse trabalho constante, de formiguinha, é feito no levantamento de informações de órgãos públicos, relatórios de governos, estudos de entidades empresariais, além de centenas de entrevistas. Paralelamente, até o fim deste ano, estamos realizando cinco encontros regionais para ouvir as lideranças locais do Rio Grande do Sul dos mais diferentes setores.

Todo esse acúmulo de informações é analisado e publicado em cinco especiais, um para cada região, em que buscamos trazer indicadores da economia do Rio Grande do Sul. O caráter de formulação está em apresentar informações novas ao grande público, permitindo pensar e projetar o desenvolvimento econômico do Estado.

Isso é possível através de um trabalho de jornalismo de dados, em que juntamos e analisamos informações, em alguns casos publicadas ao longo do tempo isoladamente. A partir dessa "visão da floresta", de conjunto dos dados, conseguimos trazer esse panorama de cada região.

Dados são estratégicos para nortear decisões e saber onde estamos e para onde vamos. É o objetivo desse projeto Mapa Econômico do Rio Grande do Sul: trazer novos indicadores, tão importantes para uma visão de futuro. Identificar oportunidades e ver os desafios.

De novo, dividimos o Rio Grande do Sul em cinco grandes regiões, conforme semelhanças e proximidade geográfica. Desta vez, começamos pelo Norte, menos atingido pelas cheias, seguindo agora para a Serra, e depois para Região Sul, parte Central, fechando na Região Metropolitana.

Também estamos visitando novas cidades, a fim de ter mais pluralidade de visões. Se, em 2023, estivemos em Caxias do Sul, desta vez o evento da Região da Serra ocorreu em Bento Gonçalves, em 15 de agosto, com a participação de mais de 200 lideranças. O mesmo já havia ocorrido na Região Norte, onde estivemos em Passo Fundo em 2023 e, neste ano, em Erechim, no dia 18 de julho.

Seguiremos a fórmula em outras regiões – na Região Sul, fomos a Pelotas no ano passado, e no próximo dia 17 de setembro, realizaremos o evento em Rio Grande. A sequência até o fim do ano ainda prevê painéis em Santa Maria e em Porto Alegre.

Acompanhe!

EXPEDIENTE

Editor-Chefe:
Guilherme Kolling
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Editor-executivo:
Mauro Belo Schneider
mauro.belo@jornaldocomercio.com.br

Editora de Economia:
Fernanda Crancio
fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

Reportagem:
Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Diagramação:
Ingrid Müller
Gustavo Van Ondheusden

ÍNDICE

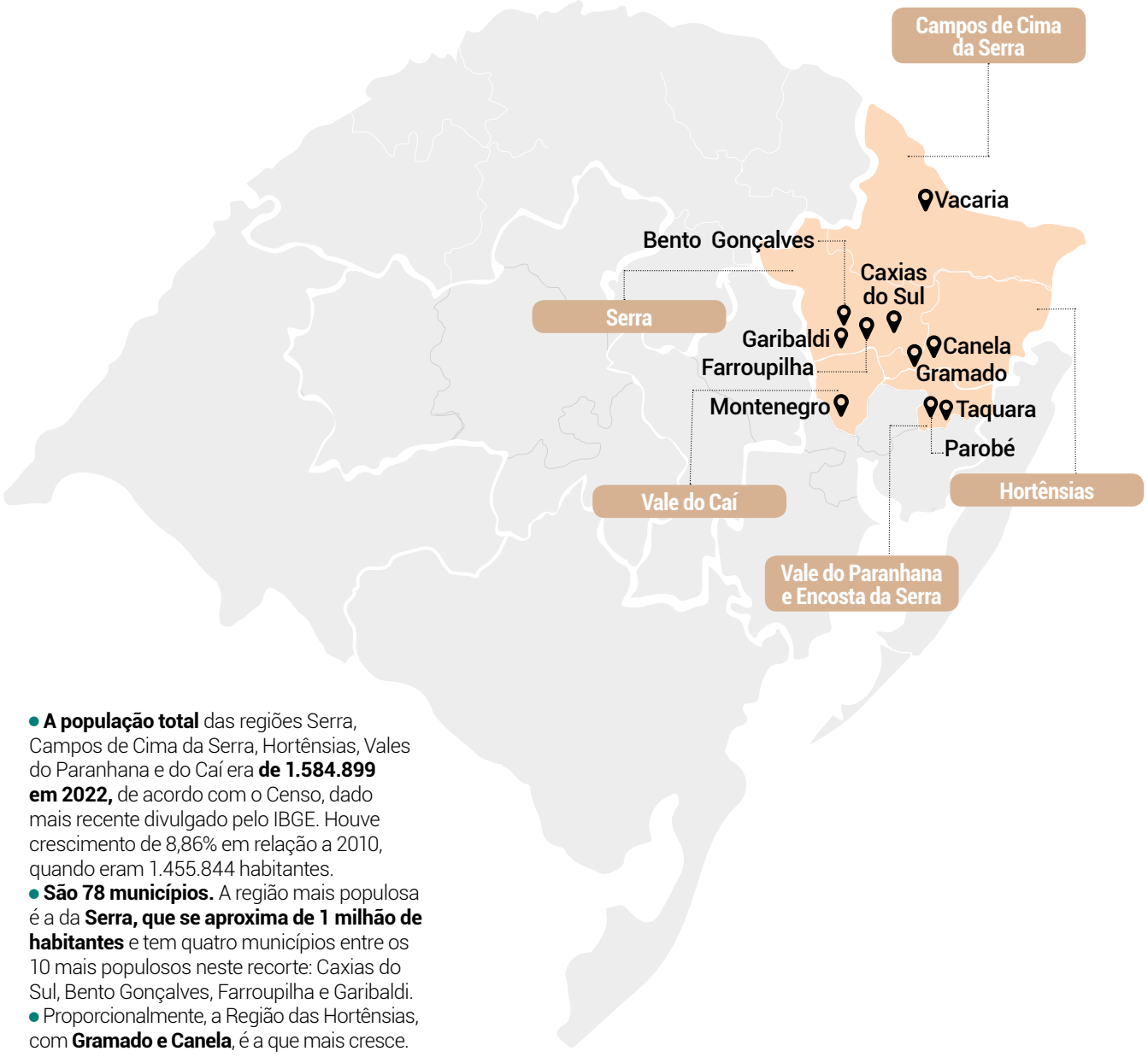
Dados sobre a população das regiões	página 6	*Hospitais são referência para região*	página 23
Informações sobre o PIB da Serra e entorno	páginas 8 a 11	*Indústria calçadista aposta em inovação*	página 24
Vinho do futuro já é desenvolvido na Serra	páginas 12 a 14	*Laboratórios movimentam novo Polo Químico*	página 25
Produção de veículos elétricos no RS	página 15	*Crescimento do turismo é oportunidade*	página 26
Mapa aponta oportunidades para regiões	páginas 16 e 17	*Tragédia expôs limites da infraestrutura*	páginas 27
Produção sustentável abre mercados	página 18	*Produtores de fruta se adaptam ao clima*	página 28
Formação para trabalhar na nova indústria	página 19	*Genética ajuda produção de leite*	página 29
Indústria têxtil e as marcas internacionais	páginas 20 e 21	*Conservas, doces e chocolates*	página 30
Reconstrução movimenta polo moveleiro	página 22	*Quem circulou pelo evento em Bento*	página 31

juntos para
recomeçar
A Tramontina tem um compromisso com a nossa gente:
fazer sempre o melhor. E é por isso que, neste momento de
reconstrução do estado, seguimos agindo para apoiar
famílias em seus recomeços e unindo esforços para retomar
a nossa economia e reerguer o nosso Rio Grande. Juntos.
tramontina.com.br/sobre
TRAMONTINA
o prazer de fazer bonito

MAPA ECONÔMICO DO RS

População da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí

As 10 maiores populações	
Município	**População (Censo 2022)**
1º Caxias do Sul	463.338
2º Bento Gonçalves	123.151
3º Farroupilha	69.885
4º Vacaria	64.187
5º Montenegro	63.624
6º Taquara	53.242
7º Parobé	52.058
8º Canela	48.946
9º Gramado	40.134
10º Garibaldi	34.335



- **A população total** das regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí era **de 1.584.899 em 2022,** de acordo com o Censo, dado mais recente divulgado pelo IBGE. Houve crescimento de 8,86% em relação a 2010, quando eram 1.455.844 habitantes.
- **São 78 municípios.** A região mais populosa é a da **Serra, que se aproxima de 1 milhão de habitantes** e tem quatro municípios entre os 10 mais populosos neste recorte: Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Farroupilha e Garibaldi.
- Proporcionalmente, a Região das Hortênsias, com **Gramado e Canela**, é a que mais cresce.

Campos de Cima da Serra	Total: 100.765 habitantes (em 2010 eram 98.020, alta de 2,8%)
Município	**População (Censo 2022)**
Vacaria	64.187
Bom Jesus	11.202
Ipê	5.325
São José dos Ausentes	4.172
Campestre da Serra	3.242
Esmeralda	3.195
Monte Alegre dos Campos	3.180
Muitos Capões	2.879
Pinhal da Serra	2.248
André da Rocha	1.135

Região da Serra	TOTAL: 939.680 habitantes (em 2010 eram 862.377, alta de 8,96%)
Município	**População (Censo 2022)**
Caxias do Sul	463.338
Bento Gonçalves	123.151
Farroupilha	69.885
Garibaldi	34.335
Flores da Cunha	30.892
Carlos Barbosa	30.418
Nova Prata	25.692
Guaporé	25.268
Veranópolis	24.021
São Marcos	21.084
Serafina Corrêa	16.961
Antônio Prado	12.980
Nova Bassano	9.649
Paraí	7.194
Nova Araçá	4.954
Cotiporã	3.846
Vila Flores	3.646
Nova Roma do Sul	3.466
São Jorge	2.912
Boa Vista do Sul	2.779
Pinto Bandeira	2.723
Fagundes Varela	2.566
Monte Belo do Sul	2.557
Nova Pádua	2.343
São Valentim do Sul	2.207
Protásio Alves	2.025
Coronel Pilar	1.607
Vista Alegre do Prata	1.590
Santa Tereza	1.505
Montauri	1.499
Guabiju	1.417
União da Serra	1.170

Hortênsias	Total: 149.552 habitantes (em 2010 eram 126.965, alta de 17,7%)
Município	**População (Censo 2022)**
Canela	48.946
Gramado	40.134
Nova Petrópolis	23.177
São Francisco de Paula	21.893
Cambará do Sul	6.361
Picada Café	5.351
Jaquirana	3.690

Vale do Paranhana e Encosta da Serra	Total: 209.949 habitantes (em 2010 eram 204.850, alta de 2,4%)
Município	**População (Censo 2022)**
Taquara	53.242
Parobé	52.058
Igrejinha	32.808
Três Coroas	24.425
Rolante	21.253
Santa Maria do Herval	6.340
Lindolfo Collor	6.244
Morro Reuter	6.029
Riozinho	4.473
Presidente Lucena	3.077

Vale do Caí	Total: 184.953 habitantes (em 2010 eram 169.632, alta de 9,03%)
Município	**População (Censo 2022)**
Montenegro	63.624
São Sebastião do Caí	24.428
Feliz	13.764
Bom Princípio	13.132
Capela de Santana	11.159
Salvador do Sul	6.879
Barão	6.461
Vale Real	6.058
Harmonia	5.378
Tupandi	5.029
Brochier	4.966
São José do Hortêncio	4.447
Pareci Novo	4.319
São Pedro da Serra	3.548
Alto Feliz	3.072
Maratá	2.470
São José do Sul	2.285
São Vendelino	2.251
Linha Nova	1.683

90 Anos CREA-RS

CONSTRUINDO TRADIÇÃO, ENTREGANDO TRANSFORMAÇÃO.

Há 90 anos, estamos presentes nas obras, edifícios, indústrias, estradas, lavouras e no solo. Celebramos o trabalho dos profissionais de Engenharia, Agronomia e Geociências que constroem, reconstroem e transformam o nosso Rio Grande. Nosso maior presente é contribuir para a qualidade de vida dos gaúchos.

CREA-RS
Conselho Regional de Engenharia e Agronomia do Rio Grande do Sul

MAPA ECONÔMICO DO RS

Conjuntura

Serra tem participação importante no PIB do RS

Produto Interno Bruto da Serra e microrregiões vizinhas totaliza 16,5% do PIB do Rio Grande do Sul

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

A primeira edição do Mapa Econômico do Rio Grande do Sul, em 2023, retratou transformações populacionais do Estado. A comparação dos dados do Censo do IBGE entre 2010 e 2022 mostrou mudanças, com destaque para o crescimento do número de habitantes na região do Litoral.

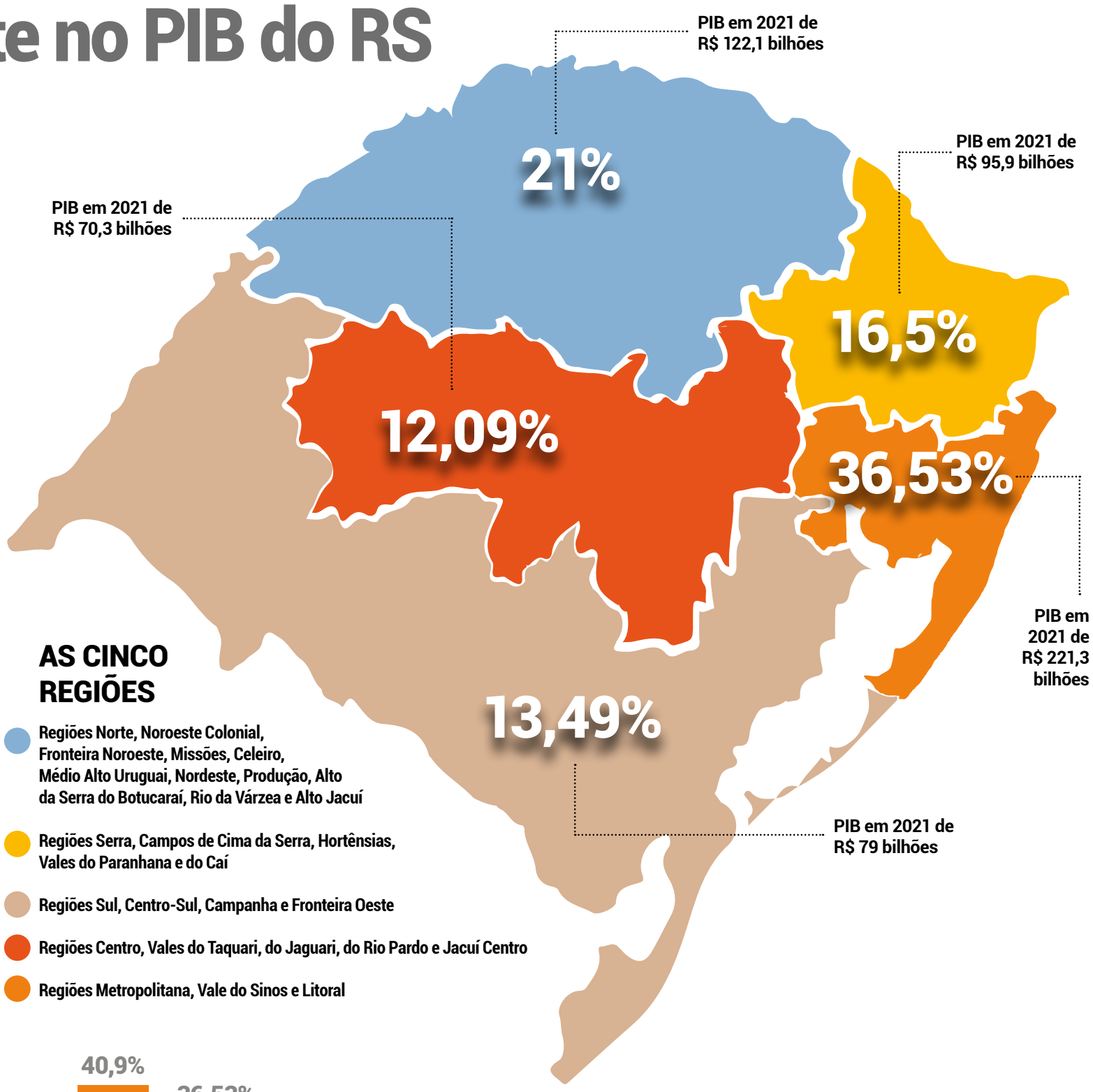
Nesta segunda temporada do Mapa, em 2024, os dados mais recentes das populações dos 497 municípios gaúchos estão presentes de novo.

A novidade, nos especiais deste ano, é que a análise traz a evolução dos PIBs municipais e regionais (os da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí estão detalhados nas próximas páginas) no comparativo entre 2020 e 2021, dados mais recentes do IBGE.

De um ano para outro, houve crescimento de 23,4% no PIB do Rio Grande do Sul, passando de R$ 470,94 bilhões no ano de 2020 para R$ 581,28 bilhões em 2021.

Percebe-se maior capilaridade de valores no Interior, reflexo direto de um ano (2021) em que houve supersafra de soja no Rio Grande do Sul. As participações regionais no PIB tiveram importantes transformações, especialmente onde o agro tem papel de protagonismo. Destaque para o Valor Adicional Bruto (VAB) Agropecuário, que teve elevação de 107,4%, enquanto no VAB Industrial foi de 27,2%.

Neste contexto, as regiões Metropolitana, Vale do Sinos e Litoral, mesmo com crescimento de R$ 35,7 bilhões no PIB, passaram a representar 36,53% do PIB gaúcho, redução de 4,4 pontos percentuais. Já as regiões da Serra e entorno registraram uma leve oscilação, passando de 16,98% do PIB em 2020 para 16,5% em 2021.

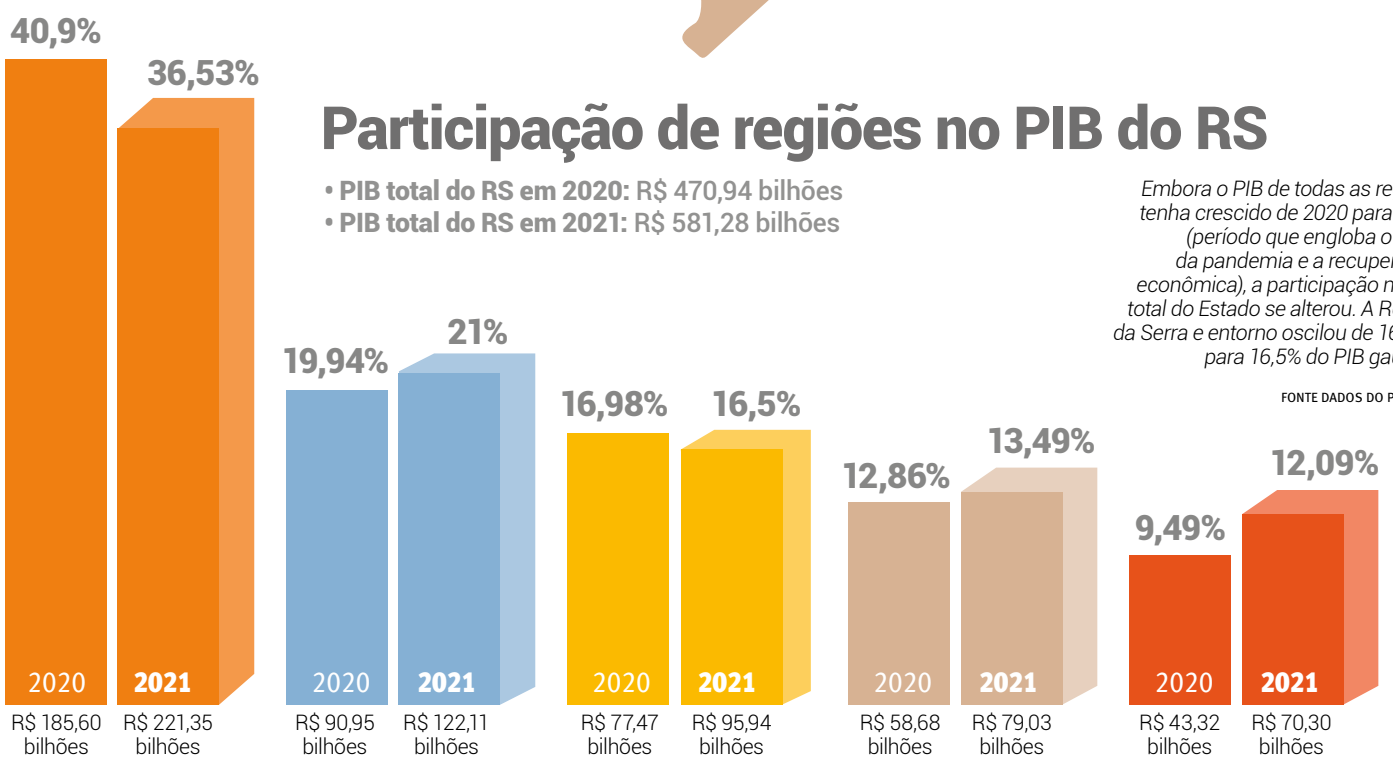


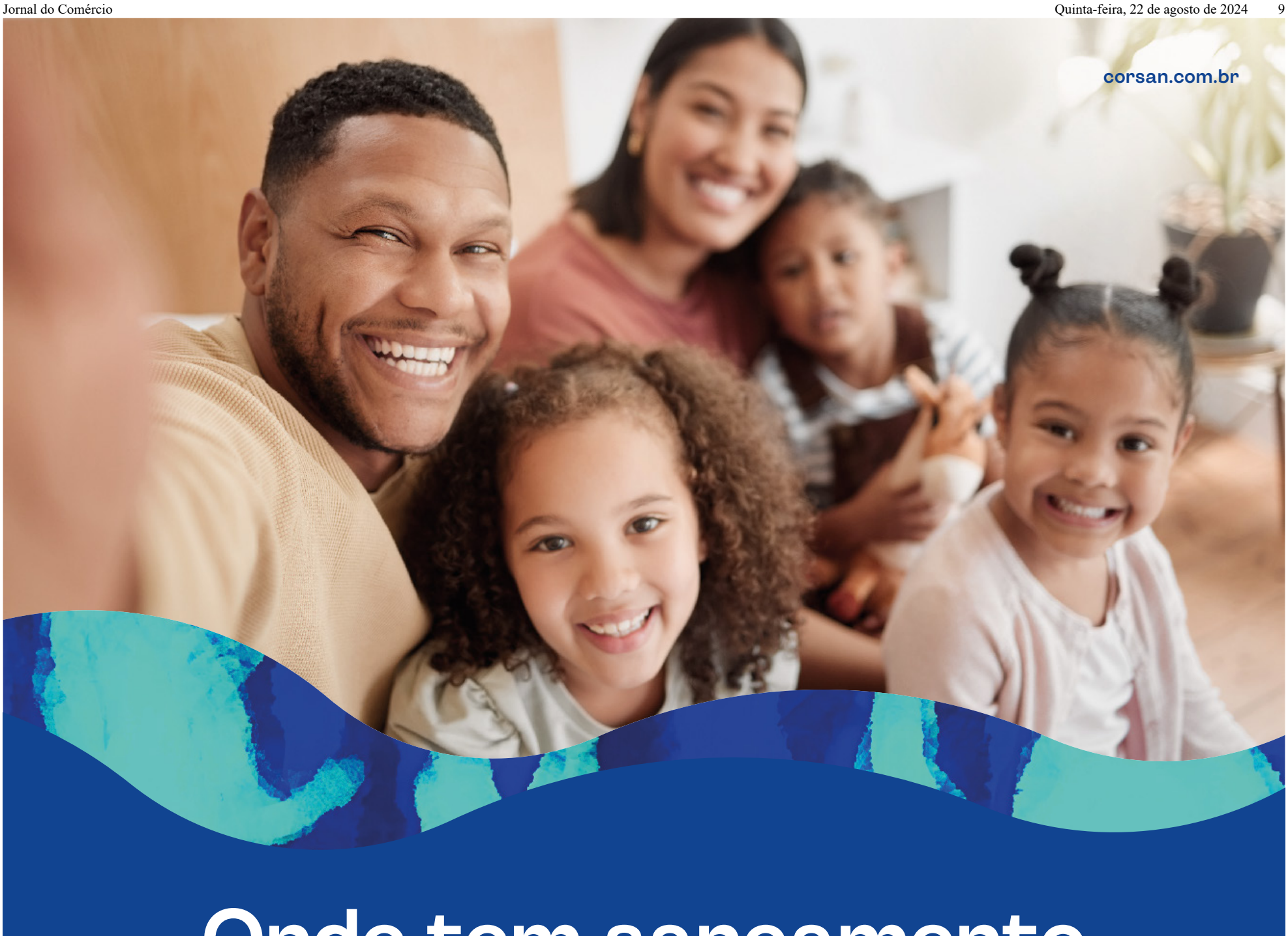
Participação de regiões no PIB do RS

- **PIB total do RS em 2020:** R$ 470,94 bilhões
- **PIB total do RS em 2021:** R$ 581,28 bilhões

Embora o PIB de todas as regiões tenha crescido de 2020 para 2021 (período que engloba o auge da pandemia e a recuperação econômica), a participação no PIB total do Estado se alterou. A Região da Serra e entorno oscilou de 16,98% para 16,5% do PIB gaúcho.

FONTE DADOS DO PIB: IBGE





Onde tem saneamento *a vida melhora.*

Saneamento não é apenas infraestrutura, é dignidade.
Quando a água limpa chega a todas as casas e o esgoto é tratado adequadamente, garantimos mais que saúde: garantimos respeito e qualidade de vida. A Corsan está aqui para transformar essa realidade e construir hoje o futuro que todos os gaúchos merecem.

CORSAN

Nossa natureza movimenta *o Rio Grande.*

MAPA ECONÔMICO DO RS

PIB cresce dois dígitos puxado pela Serra

As 10 maiores economias das regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí tiveram alta de dois dígitos no PIB, entre 2020 e 2021, segundo dados municipais mais recentes disponíveis, divulgados pelo IBGE. Os 78 municípios listados representam 16,5% do PIB gaúcho.

10 maiores PIBs por município

Município	PIB em 2020	PIB em 2021	Variação
1º Caxias do Sul	R$ 25.965.161.310	**R$ 31.688.460.224**	**+ 22,04%**
2º Bento Gonçalves	R$ 6.450.900.600	**R$ 7.498.499.273**	**+ 16,23%**
3º Montenegro	R$ 3.905.781.931	**R$ 5.752.330.069**	**+ 47,27%**
4º Farroupilha	R$ 3.607.729.923	**R$ 4.398.447.414**	**+ 21,91%**
5º Carlos Barbosa	R$ 3.078.519.379	**R$ 3.529.578.372**	**+ 14,65%**
6º Vacaria	R$ 2.541.968.407	**R$ 3.245.665.499**	**+ 27,68%**
7º Garibaldi	R$ 2.302.654.875	**R$ 2.997.962.973**	**+ 30,19%**
8º Gramado	R$ 2.022.329.978	**R$ 2.658.017.537**	**+ 31,43%**
9º Flores da Cunha	R$ 1.948.953.361	**R$ 2.538.135.666**	**+ 30,23%**
10º Igrejinha	R$ 1.711.229.294	**R$ 1.888.880.480**	**+ 10,38%**

Caxias do Sul e Bento Gonçalves, na Serra, lideram entre os municípios de maior PIB nas cinco regiões retratadas neste recorte do Mapa Econômico do RS. É uma parte do Estado com polos industriais metalmecânico, moveleiro e vitivinícola, além de um complexo turístico forte. Segunda maior economia do RS, Caxias superou a marca de R$ 30 bilhões de PIB em 2021.

CAMPOS DE CIMA DA SERRA

R$ 6.640.685.035 (dados de 2021, representa 1,14% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Vacaria	R$ 2.541.968.407	**R$ 3.245.665.499**
Muitos Capões	R$ 724.936.864	**R$ 1.122.083.979**
Bom Jesus	R$ 390.434.446	**R$ 613.621.693**
Esmeralda	R$ 215.910.305	**R$ 392.858.569**
Pinhal da Serra	R$ 214.397.239	**R$ 304.723.185**
Ipê	R$ 192.562.835	**R$ 298.581.352**
Campestre da Serra	R$ 140.798.140	**R$ 204.702.054**
André da Rocha	R$ 88.611.305	**R$ 193.088.912**
São José dos Ausentes	R$ 116.119.278	**R$ 155.631.165**
Monte Alegre dos Campos	R$ 83.129.027	**R$ 109.728.627**

VALE DO PARANHANA E ENCOSTA DA SERRA

R$ 7.673.898.249 (dados de 2021, representa 1,32% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Igrejinha	R$ 1.711.229.294	**R$ 1.888.880.480**
Taquara	R$ 1.403.652.645	**R$ 1.568.871.695**
Parobé	R$ 1.279.035.986	**R$ 1.390.312.151**
Três Coroas	R$ 767.701.170	**R$ 805.144.951**
Rolante	R$ 602.177.771	**R$ 731.606.973**
Lindolfo Collor	R$ 318.554.767	**R$ 365.848.151**
Santa Maria do Herval	R$ 214.509.236	**R$ 279.407.653**
Morro Reuter	R$ 211.333.878	**R$ 274.165.952**
Presidente Lucena	R$ 161.574.519	**R$ 213.812.166**
Riozinho	R$ 129.044.954	**R$ 155.848.077**

SERRA

R$ 63.598.107.573 (dados de 2021, representa 10,94% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Caxias do Sul	R$ 25.965.161.310	**R$ 31.688.460.224**
Bento Gonçalves	R$ 6.450.900.600	**R$ 7.498.499.273**
Farroupilha	R$ 3.607.729.923	**R$ 4.398.447.414**
Carlos Barbosa	R$ 3.078.519.379	**R$ 3.529.578.372**
Garibaldi	R$ 2.302.654.875	**R$ 2.997.962.973**
Flores da Cunha	R$ 1.948.953.361	**R$ 2.538.135.666**
Veranópolis	R$ 1.633.450.462	**R$ 1.738.701.719**
Nova Prata	R$ 1.323.123.237	**R$ 1.730.036.794**
Guaporé	R$ 960.169.808	**R$ 1.149.050.175**
São Marcos	R$ 968.734.037	**R$ 1.145.389.471**
Nova Bassano	R$ 622.403.225	**R$ 802.205.600**
Antônio Prado	R$ 670.901.342	**R$ 797.509.891**
Serafina Corrêa	R$ 655.627.661	**R$ 782.298.674**
Paraí	R$ 313.957.023	**R$ 424.445.299**
Nova Araçá	R$ 263.689.994	**R$ 327.225.300**
Vila Flores	R$ 212.817.774	**R$ 297.551.774**
Fagundes Varela	R$ 137.478.414	**R$ 197.918.354**
Nova Roma do Sul	R$ 200.991.302	**R$ 169.303.862**
Cotiporã	R$ 165.954.254	**R$ 167.927.519**
Boa Vista do Sul	R$ 95.769.125	**R$ 120.126.580**
São Jorge	R$ 91.678.320	**R$ 133.330.523**
Guabiju	R$ 71.844.361	**R$ 132.787.212**
Nova Pádua	R$ 78.854.921	**R$ 100.210.680**
Montauri	R$ 60.230.091	**R$ 98.137.052**
São Valentim do Sul	R$ 65.703.953	**R$ 95.575.279**
Monte Belo do Sul	R$ 74.341.260	**R$ 94.434.133**
Protásio Alves	R$ 68.234.552	**R$ 93.262.553**
União da Serra	R$ 53.522.010	**R$ 91.173.077**
Vista Alegre do Prata	R$ 61.541.947	**R$ 85.227.905**
Pinto Bandeira	R$ 64.220.040	**R$ 74.284.735**
Santa Tereza	R$ 43.107.304	**R$ 49.850.410**
Coronel Pilar	R$ 39.997.195	**R$ 49.059.080**

HORTÊNSIAS

R$ 6.975.537.074 (dados de 2021, representa 1,2% do PIB do RS naquele ano

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Gramado	R$ 2.022.329.978	**R$ 2.658.017.537**
Canela	R$ 1.243.847.245	**R$ 1.595.254.515**
São Francisco de Paula	R$ 793.012.632	**R$ 1.026.512.936**
Nova Petrópolis	R$ 926.388.832	**R$ 972.683.863**
Picada Café	R$ 98.779.912	**R$ 386.451.117**
Cambará do Sul	R$ 172.474.201	**R$ 242.576.377**
Jaquirana	R$ 75.620.968	**R$ 94.040.729**

VALE DO CAÍ

R$ 11.052.395.600 (dados de 2021, representa 1,9% do PIB do RS naquele ano)

Município	PIB em 2020	PIB em 2021
Montenegro	R$ 3.905.781.931	**R$ 5.752.330.069**
Bom Princípio	R$ 774.888.392	**R$ 906.593.247**
São Sebastião do Caí	R$ 764.721.079	**R$ 899.456.880**
Feliz	R$ 470.879.360	**R$ 589.352.250**
Tupandi	R$ 507.732.007	**R$ 533.591.910**
Salvador do Sul	R$ 305.547.943	**R$ 337.661.307**
Barão	R$ 254.487.858	**R$ 308.101.192**
Capela de Santana	R$ 237.708.709	**R$ 298.585.467**
Harmonia	R$ 201.263.833	**R$ 245.496.120**
Vale Real	R$ 152.002.738	**R$ 198.292.652**
Alto Feliz	R$ 122.272.524	**R$ 161.547.849**
Pareci Novo	R$ 110.224.099	**R$ 136.433.594**
São José do Hortêncio	R$ 111.551.400	**R$ 117.865.273**
Brochier	R$ 99.289.923	**R$ 117.699.849**
São Pedro da Serra	R$ 84.147.589	**R$ 113.227.479**
São Vendelino	R$ 71.558.614	**R$ 95.747.091**
São José do Sul	R$ 75.948.079	**R$ 94.018.359**
Maratá	R$ 76.303.706	**R$ 80.816.302**
Linha Nova	R$ 55.572.422	**R$ 65.578.710**

Conjuntura

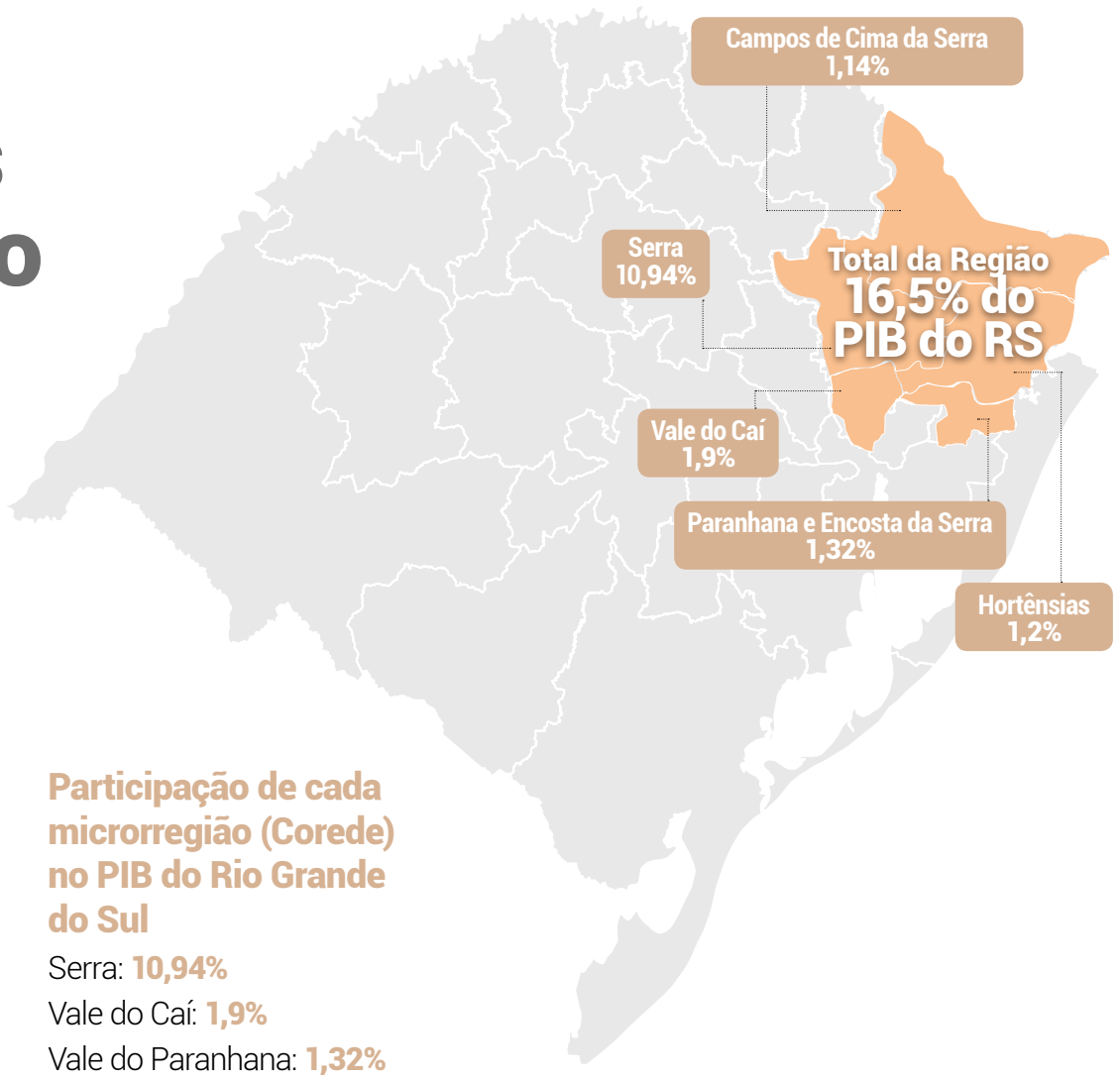
Serra concentra mais de 10% do PIB gaúcho

Riquezas geradas nas regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Vales do Paranhana e do Caí somam 16,5% do PIB do RS

As regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Vales do Paranhana e do Caí tiveram crescimento no seu Produto Interno Bruto (PIB) entre 2020 e 2021, últimos dados regionalizados divulgados pelo IBGE. Entretanto, cabe observar que foi o período da pandemia, com queda generalizada em 2020 e retomada em 2021. Quando o dado é comparado em relação ao todo o RS, percebe-se que essa região teve leve oscilação, passando de 16,98% do PIB gaúcho em 2020 para 16,5% em 2021. Serra e Vale do Paranhana reduziram sua participação, enquanto Vale do Caí, Hortênsias e Campos de Cima da Serra aumentaram.

Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Rio Grande do Sul

- **SERRA:** R$ 63.598.107.573 (valor cresceu 21,48% em relação a 2020), representa 10,94% do PIB do RS em 2021
- **VALE DO CAÍ:** R$ 11.052.395.600 (valor cresceu 31,86% em relação a 2020), representa 1,9% do PIB do RS em 2021
- **VALE DO PARANHANA E ENCOSTA DA SERRA:** R$ 7.673.898.249 (cresceu 12,87% em relação a 2020), representa 1,32% do PIB do RS em 2021
- **HORTÊNSIAS:** R$ 6.975.537.074 (valor cresceu 33,31% em relação a 2020), representa 1,2% do RS
- **CAMPOS DE CIMA DA SERRA:** R$ 6.640.685.035 (valor cresceu 41,02% em relação a 2020), representa 1,14% do PIB do RS em 2021
- **TOTAL: R$ 95.940.623.531** (cresceu 23,83% em relação a 2020), representa 16,5% do PIB do RS em 2021



Participação de cada microrregião (Corede) no PIB do Rio Grande do Sul

Serra: **10,94%**
Vale do Caí: **1,9%**
Vale do Paranhana: **1,32%**
Hortênsias: **1,2%**
Campos de Cima da Serra: **1,14%**

Conteúdo produzido pelo Núcleo-i Conteúdo multimídia patrocinado para Tramontina

Tramontina consolida desenvolvimento da Serra Gaúcha com mais de 8 mil funcionários

Tramontina é sinônimo da força da Serra Gaúcha. Moradores da região enxergam na marca um símbolo de oportunidades e desenvolvimento, já que é uma das maiores geradoras de emprego do Rio Grande do Sul.

A empresa está presente em três cidades da Serra (Carlos Barbosa, Farroupilha e Garibaldi) com operações fabris, centros de distribuição, lojas oficiais, além do Escritório Central Corporativo. Nesses locais, há mais de 8 mil funcionários, que representam em torno de 79% do quadro da empresa.

Em 2023, para estreitar o relacionamento com as comunidades, foi criado o Grupo de Trabalho Comunidades. O objetivo é promover melhorias na gestão do tema, estudos sobre incentivos fiscais, avaliação de impactos das atividades realizadas e estruturação da governança corporativa e de demandas de instituições locais.

"Entendemos que as empresas têm especial potencial para auxiliar no desenvolvimento do Estado. Do lado de cá, seguimos promovendo a geração de valor social, educacional e cultural nas comunidades, além dos investimentos em tecnologias e processos cada vez mais sustentáveis. Seja na reutilização da água em diferentes fases do processo, na ampliação dos esforços de logística reversa, na recuperação energética, no mantimento das áreas de preservação ou no lançamento de novos produtos com aspectos sustentáveis ou de acessibilidade", afirma Rosane M. Fantinelli, diretora de Marketing Corporativo da Tramontina.

A Tramontina investe na capacitação de pessoas, pois a empresa acredita que, ao fomentar o desenvolvimento conjunto de funcionários, consumidores, parceiros e comunidades, é possível crescer e prosperar de forma coletiva. Exemplo disso é o Centro Educacional Ivo Tramontina (CEIT), em Carlos Barbosa, que oferece formações e espaços de lazer e bem-estar para funcionários e seus familiares. Há, ainda, a plataforma Educa+, novo ambiente virtual de cursos e treinamentos gratuitos da empresa.

Aberto ao público em geral, os conteúdos têm o objetivo de oportunizar que mais pessoas tenham a chance de se desenvolver pessoal e profissionalmente. A plataforma também conta com o ambiente Crescer+, onde são oferecidos cursos e treinamentos em EAD, para diferentes públicos, como Liderança, ESG, Gerenciamento de Projetos, entre outros.

Tramontina/Divulgação/JC

Empresa tem plantas em Carlos Barbosa, Farroupilha e Garibaldi

"Em 2023, firmamos parceria com a ONG Gerando Falcões e passamos a apoiar o desenvolvimento e participar ativamente de cursos de Gastronomia para moradores do município de Ferraz de Vasconcelos, em São Paulo, e decidimos também apadrinhar organizações não-governamentais em Pernambuco e Pará - Movimento Inspire, em Olinda (PE), e Instituto Edson Royer, em Novo Progresso (PA)", detalha Rosane.

Entre as parcerias locais, estão o Centro Educativo Crescer (CEC), em Carlos Barbosa, e o Centro de Formação Divina Providência, em Encruzilhada do Sul.

Reportagem Especial

A produção do vinho do futuro já está em desenvolvimento na Serra Gaúcha

Mais de 80% das vinícolas do Rio Grande do Sul ficam na região; mudanças climáticas estão no radar

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Os eventos extremos provocados pelas mudanças climáticas, que tendem a ser mais potentes e frequentes, deixam um dos setores mais típicos da economia da Serra Gaúcha muito atento. O vinho do futuro é assunto permanente na região que concentra 436 das 539 vinícolas ativas no Rio Grande do Sul, ou 80,8%.

A estimativa da Emater é de que, de um total de 44 mil hectares de vinhedos no Estado, pelo menos 500 foram danificados pelos eventos de maio, e foi só um dos capítulos do que vem sendo analisado pelos especialistas nos últimos anos.

Em 2023, o Estado produziu, conforme a Secretaria Estadual da Agricultura, 457,79 milhões de litros de vinhos, sucos e mosto de uva. Um volume inferior ao que foi registrado nos dois anos anteriores. A fruta representa quase R$ 2 bilhões no valor bruto de produção do Rio Grande do Sul, mas o volume de uvas colhidas também caiu em 2024 na Serra.

Foram 664,9 mil toneladas colhidas em todo o Estado após o excesso de chuvas já no ano passado. Este, porém, não é exatamente um número que preocupe as principais vinícolas da região.

A prioridade entre elas está no investimento na qualidade, e não necessariamente na quantidade de uvas. "Temos aqui um produto que pode ter menor quantidade, mas tem alto valor agregado, e temos trabalhado na adaptação, sustentabilidade e melhoria deste produto", diz o diretor superintendente da Miolo Wine Group, Adriano Miolo.

E aí, como explica a especialista do curso de Viticultura da Universidade de Caxias do Sul (UCS), a engenheira agrônoma Roberta Boscato, temas como a irrigação, ainda pouco comum neste recorte do Estado, tendem a se tornar realidade também na cultura da uva na Serra.

"A uva gosta de tempo menos chuvoso, mas se a temperatura chega a um grau a mais, já é um ambiente mais agressivo, e essa é uma tendência com as mudanças climáticas. Se não tiver irrigação, a área de cultivo pode secar. A videira resiste à seca, mas tem um limite. E quando falamos da produção de vinhos na Serra, estamos falando de vinhos finos, de alta qualidade e de variedades específicas, que precisarão de investimento direcionado para cada uma dessas variedades para manter o padrão no futuro", avalia Roberta.

Na Cooperativa Vinícola Garibaldi, a aposta estratégica para o futuro é voltada ao espumante, a partir de uvas brancas, que têm maturação mais precoce. Hoje, em uma safra com volume considerado normal pela cooperativa, são produzidos até 20 milhões de litros. Metade deste volume, ainda é de suco, e outros 5 milhões de litros, de espumante. Uma estatística que tende a mudar.

"O mercado doméstico é o nosso principal foco, porque percebemos um crescimento no hábito do consumo de vinho no País. No Velho Mundo, há um consumo de até 30 litros per capita anualmente, no Brasil, chegamos a 2 litros. E quando falamos de espumantes, o potencial para o nosso produto no futuro é ainda maior. Hoje, são só 200 ml per capita de consumo anual no País", diz o diretor administrativo da Cooperativa Garibaldi, Alexandre Angonezi.

A Garibaldi tem 30% das suas vendas concentradas no Rio Grande do Sul, e o mercado externo garante 1% do faturamento. Mas, como aponta Angonezi, há espaço para o espumante gaúcho também no exterior.

Neste ano, a cooperativa investe R$ 7,5 milhões em melhorias e ampliação da capacidade produtiva. Anualmente, diz o diretor, são R$ 5 milhões investidos na precisão dessa produção de alto nível mais adaptada às mudanças climáticas.

Em seu vinhedo experimental, por exemplo, a Garibaldi trabalha atualmente na pesquisa, em conjunto com uma cooperativa italiana, de 60 diferentes variedades de uvas mais resistentes e adaptáveis. A estrutura conta também com um laboratório para análise do que é plantado e colhido pela cooperativa.

"São, principalmente, plantas mais resistentes a doenças fúngicas, que é o que mais afeta as plantas em situações de estresse hídrico. Nesta última safra, por exemplo, passamos por um super El Niño que resultou em perda de 30% da safra. Para o próximo ciclo, há perspectiva de La Niña, que tende a ser favorável, mas também dependerá de fatores como as horas de frio. O processo de desenvolvimento de maior resiliência e adaptação nos vinhedos começou há 10, 15 anos. Avançamos em variedades mais adaptáveis ao nosso terroir, em conjunto com o manejo mais tecnificado, preciso e sustentável. Só assim conseguiremos, no nosso vinho do futuro, manter o padrão internacional que já alcançamos", explica Angonezi.

A produção de uvas e vinhos na Serra Gaúcha

- Serra concentra 436 das 539 vinícolas em funcionamento no Rio Grande do Sul
- Isso representa 80% das vinícolas em solo gaúcho
- Em 2024, o Estado colheu 664,9 mil toneladas de uvas, 20% inferior ao ano anterior
- Em 2023, o Estado produziu 457,79 milhões de litros de sucos, vinhos e mosto de uva, 6% a menos do que o ano anterior, e 21% a menos do que em 2021.

Produção de uvas de mesa por município (2024)
1º Caxias do Sul
2º Bento Gonçalves
3º Farroupilha
4º Vale Real
5º Flores da Cunha

Produção de uvas para a indústria (2024)
1º Flores da Cunha
2º Bento Gonçalves
3º Farroupilha
4º Caxias do Sul
5º Garibaldi

Produção de vinhos de mesa (2023)
1º Flores da Cunha
2º Farroupilha
3º Campestre da Serra
4º Bento Gonçalves
5º Caxias do Sul

Produção de vinhos finos (2023)
1º Bento Gonçalves
2º Farroupilha
3º Garibaldi
4º Flores da Cunha
5º Caxias do Sul

Produção de mosto de uva (2023)
1º Bento Gonçalves
2º Flores da Cunha
3º Farroupilha
4º São Marcos
5º Monte Belo do Sul

Fonte: Secretaria Estadual da Agricultura do RS

Vinícola Aurora antecipa eventos climáticos e informa cooperados através de aplicativo

O pacote de manejo e técnicas para produção do vinho do futuro, que seja, o máximo possível, controlável diante das mudanças climáticas, inclui a instalação de estações meteorológicas próprias pelas vinícolas. No caso da Cooperativa Vinícola Aurora, este sistema é complementado com o desenvolvimento de um aplicativo, chamado Caderno de Campo, que interliga a estação meteorológica a um software, que notifica cada uma das 1,1 mil famílias cooperadas sobre eventos climáticos. No mesmo sistema, há modelos de auxílio ao controle de doenças, ao monitoramento da fertilidade das gemas da videira e a melhor estratégia para a poda, com leitura específica da área do cultivo.

A intensidade dos eventos de maio no Rio Grande do Sul atropelou, pela sua excepcionalidade, o modelo de precisão da cooperativa. Ainda assim, naquele que é considerado o maior obstáculo enfrentado pelos produtores em 93 anos da cooperativa, as perdas foram controladas. Somente 12 hectares, ou 3,5% do total de uvas, foram completamente perdidos em deslizamentos, por exemplo. O problema maior foi o acúmulo de problemas. Na safra de 2024, a redução da produção da Aurora foi de 28,6% em relação ao ano anterior.

A valorização do produto de excelência acaba fazendo a diferença nos números. Mesmo com o cenário ambiental adverso, a estimativa da cooperativa é de aumentar em 10% o seu faturamento em 2024. Com um investimento de R$ 32,1 milhões entre as unidades industriais em Bento Gonçalves, armazenagem vertical, novos tanques de vinhos, maquinário e melhorias na linha de suco de uva, a Aurora mantém seu planejamento de chegar em 2026 ao primeiro ano com faturamento de R$ 1 bilhão.

Para 2031, é prevista a inauguração de uma nova unidade no Vale dos Vinhedos, destinada ao recebimento de uvas e ao aumento da capacidade de processamento da fruta.

ZÉTO TELÖKEN/VINÍCOLA AURORA/DIVULGAÇÃO/JC

Mais de mil famílias cooperadas recebem apoio na produção

Reportagem Especial

Manejo da uva garante qualidade para a exportação de vinhos gaúchos

Mudanças climáticas exigem melhorias no trato dos parreirais, com ferramentas mais modernas

Na vinícola Miolo – considerada a maior exportadora de vinhos do Brasil, e que hoje produz também na Campanha Gaúcha e até na Bahia –, o desenvolvimento do vinho em Bento Gonçalves é tratado como artigo de alta qualidade, justamente pelo desenvolvimento de variedades mais adaptadas ao terroir local.

"Fica na Serra nossa matriz, nossa origem. Temos cinco propriedades no Vale dos Vinhedos, portanto, são todos vinhedos certificados. Produzimos nesta unidade principalmente espumantes pelo método tradicional, de envelhecimento na garrafa. São espumantes ícones. E, em anos muito bons, produzimos o Lote 43, da nossa linha de vinhos lendários, produzidos em safras excepcionais", diz o diretor superintendente da Miolo Wine Group, Adriano Miolo.

Neste ano, por exemplo, não houve produção deste vinho, reconhecido no exterior, para onde vai em torno de 10% da produção da vinícola. Mesmo com o excesso de chuvas no último ciclo, Miolo ressalta que esta não tem sido a tendência. Desde a década de 1990, foram pelo menos 13 safras excelentes, justamente pelo baixo volume de chuvas. As duas últimas, em 2022 e 2023. O que não significa o cenário perfeito para o vinho do futuro.

As mudanças climáticas – e a tendência de repetição de fenômenos extremos – exigem melhorias no trato dos parreirais, em uma espécie de retorno às origens mais naturais, mas com ferramentas mais modernas. A cobertura permanente do solo abaixo do vinhedo, os cuidados com a criação de patamares em áreas de declive, como é o cultivo das uvas na Serra e, cada vez mais, o desenvolvimento de métodos naturais de cultivo completam o pacote da vitivinicultura de precisão.

"Já estamos usando 30% de todos os produtos de controle de pragas com origem biológica. Temos agido para que o cultivo seja cada vez mais sustentável, como forma de reduzir efeitos negativos dos extremos do clima. Com a cultura de precisão, conseguimos determinar as áreas boas para o plantio e, por consequência, aumentamos também as áreas de preservação junto aos vinhedos, e isso representa controle da temperatura, de nutrientes e de água no solo. Conseguimos determinar também as exposições adequadas do solo, com cobertura vegetal, para cada variedade de uva plantada, e elas são bem específicas quando falamos de vinhos finos", detalha Adriano Miolo.

Projeto semelhante foi adotado pela Salton, que aponta ter reduzido em 99% o uso de herbicidas nos seus vinhedos.

Pouco mais de 10% das exportações totais de Bento Gonçalves no primeiro semestre deste ano foram em vinhos e no chamado mosto da uva – sumo da uva fresca, ou o primeiro subproduto das uvas antes de dar origem ao vinho –, correspondendo a US$ 6 milhões comercializados no exterior. O que garante boa parte deste prestígio fora do País é justamente a forma de cultivo e as características únicas na produção da região.

Entre as mais de 40 vinícolas da Associação de Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale), por exemplo, é estimulado o cultivo de uvas em espaldeiras. Esta é a tradição do cultivo na região, que garante, além do melhor manejo, com a melhor qualidade na uva, maior valor agregado ao produto.

O cuidado com a colheita recebe atenção das vinícolas, com o aumento da mecanização deste serviço. Desde a retirada das uvas dos vinhedos até o descarregamento na indústria, o processo, entre as principais vinícolas da Serra, é automatizado. Isso tem gerado menos danos às uvas, já pré-selecionadas.

Reportagem Especial

Vinícolas buscam reduzir pegada de carbono

Em parceria com a UCS, empresa mensurou suas emissões de gases do efeito estufa pelo quarto ano seguido

Eduardo Torres

DANIELA RADAVELLI/SALTON/DIVULGAÇÃO/JC

Além dos cuidados ambientais no manejo da uva, meta de reduzir impacto inclui produção industrial

Depois de ter garantido, em 2023, 17% dos seus produtos engarrafados em garrafas de baixo volume de vidro, e estabelecer uma meta de chegar a 50% até 2025, a vinícola Salton, em parceria com a UCS, mensurou, pelo quarto ano consecutivo as suas emissões de gases do efeito estufa, e já registrou uma redução de 34% na pegada de carbono das suas operações entre 2021 e 2023.

Um inventário inédito no setor vitivinícola foi publicado recentemente, considerando as quatro unidades da Salton e, de acordo com a empresa, o próximo passo será calcular os impactos em emissões após a venda dos vinhos e espumantes.

Ações mais sustentáveis no campo, e principalmente nas áreas urbanas, entram na pauta do planejamento de cidades mais resilientes diante da constatação de que eventos climáticos extremos, provocados pelas mudanças climáticas, tendem a ser mais frequentes e potentes.

"Um grande tema em discussão é como estamos usando o solo em regiões como a Serra. Na área rural, há até mesmo a identidade cultural em relação às encostas. Na zona urbana, a densidade demográfica, também neste terreno – Caxias do Sul tem registrado aumento populacional acima do restante da região –, é um fator de risco a ser avaliado. Há uma tendência à cada vez maior concentração de pessoas nos espaços urbanos nessa região, e isso exigirá resiliência. A partir da crise exposta com os eventos de maio, é preciso preparação desses territórios, com planejamento. As cidades precisam saber para onde andar e investir para garantir uma resiliência social e econômica", explica a pesquisadora Ana Cristina Fachinelli, que coordena o City Living Lab, da UCS.

Entre as ações deste grupo, está o programa Cidades Resilientes que, logo após a tragédia climática de maio, a partir de contratos com as prefeituras de Caxias do Sul, Bento Gonçalves e Santa Tereza, iniciou trabalhos de mapeamento dos indicadores de resiliência nestes municípios. O resultado, explica Ana Cristina, servirá como balizador para ações de planejamento urbano na região.

A partir dos laboratórios da universidade, já vinham sendo desenvolvidas tecnologias com o uso da internet das coisas para cidades mais resilientes. É o caso do monitoramento, com antenas e sensores instalados em seis cidades da região – São Francisco de Paula, Gramado, Canela, Bento Gonçalves, Caxias do Sul e Flores da Cunha –, que já está em operação.

"Vínhamos trabalhando no desenvolvimento dessa tecnologia que, a partir dos dados coletados nessas cidades em tempo real, consegue apurar informações como luminosidade, ruídos, partículas no ar e concentração de CO_2 no ambiente. A partir dos eventos de maio, agora estamos avaliando avançar neste sistema como forma de antecipar e mitigar possíveis efeitos de desastres naturais. Os sensores podem ser mais complexos, mas não são suficientes por si só. São ferramentas de tecnologia que servem para amparar ações e planejamento por parte dos agentes locais de maneira contínua", diz a pesquisadora.

Com maior população, Caxias do Sul aposta em arborização para capturar gases

Conforme levantamento do Sistema de Estimativa de Emissões de Gases (SEEG), em 2022 – ano mais recente do levantamento –, o recorte do Estado retratado nesta edição do Mapa responde por 16,5% do PIB gaúcho e tem uma das mais baixas contribuições para as emissões de gases do efeito estufa do Estado. Os 78 municípios da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias e Vales do Caí e Paranhana emitem 7,85% dos gases de efeito estufa produzidos no Rio Grande do Sul – algo em torno de 8,4 milhões de toneladas (Mt). Por outro lado, a região captura ou neutraliza 12,5% do que emite – 1,07 Mt. Abaixo da média de 14,1% do Estado. Regionalmente, porém, a Região das Hortênsias avança mais rápido, e chega a neutralizar 15,5% do que emite.

Caxias do Sul, que tem a maior concentração populacional da região, também responde pelos maiores índices de emissões. No entanto, também está na cidade a maior capacidade de captura dos gases entre os municípios retratados neste Mapa. Há seis anos, Caxias do Sul foi uma das primeiras cidades do País a estabelecer o seu Plano Diretor de Arborização Urbana, que é considerado ferramenta essencial para aumentar a resiliência das cidades frente aos eventos climáticos adversos. As árvores urbanas não apenas são itens estratégicos na neutralização de emissões das cidades, como também representam redutores dos impactos de cheias ou deslizamentos.

Mais recentemente, no ano passado, Caxias também inovou com a concessão do serviço de iluminação pública, a partir de uma PPP, tendo como principal objetivo modernizar o parque de iluminação da cidade, com a substituição de aproximadamente 49 mil pontos de luz por tecnologia LED. A estimativa de redução no consumo de energia chega a 54% e a de aproximadamente 1,1 mil toneladas (kt) de emissões de gases do efeito estufa por ano.

A maior fonte contribuidora de emissões na cidade está no setor dos transportes, o que é compreensível pela alta densidade populacional e demanda da produção econômica local.

"Pelo menos desde 2011, quando Siena, na Itália, aferiu suas emissões, localidades urbanas neutras em emissões, e isso não significa que a região parou de emitir gases de efeito estufa. É uma questão de equilíbrio. Nós vamos emitir, e isso é inevitável na ação humana e no desenvolvimento, a questão é como absorver esses gases emitidos ou desenvolver atividades que reduzam essas emissões. E há caminhos mais racionais, com cidades mais verdes, transportes menos poluentes e usos de energias mais limpas, e com tratamento de resíduos mais eficientes e menos poluentes", aponta Ana Cristina Fachinelli.

Dados de emissões de gases nas regiões e municípios

- As regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí emitiram, em 2022, 8,4 Mt de gases do efeito estufa, que representam 7,85% das emissões do Rio Grande do Sul.
- Caxias do Sul tem o maior PIB da região e o segundo maior do Rio Grande do Sul, e o maior Valor Adicionado Bruto (VAB) Industrial do Estado.
- O setor de transportes lidera o índice de emissões de gases do efeito estufa na cidade, que também é a que mais captura ou neutraliza as suas emissões na região.
- Entre as regiões deste Mapa, a das Hortênsias é a que, proporcionalmente, mais neutraliza ou captura suas emissões.

Municípios que mais emitem
- Caxias do Sul 1,1 Mt
- Vacaria 548,8 Kt
- Bom Jesus 517,2 Kt
- São Francisco de Paula 426,8 Kt
- Montenegro 306,4 Kt

Municípios que mais capturam
- Caxias do Sul 100 Kt
- São Francisco de Paula 73,3 Kt
- Vacaria 59,3 Kt
- Bom Jesus 44 Kt
- Cambará do Sul 38,6 Kt

Fonte: SEEG 2022

Sustentabilidade

Veículos elétricos avançam a partir da Serra Gaúcha

Rio Grande do Sul tem 15,4 mil veículos elétricos ou híbridos emplacados, sendo mais de 1 mil em Caxias do Sul

Entre os hábitos que avançam e colocam a região como uma referência no Estado em relação à produção industrial mais sustentável, está a crescente frota de veículos elétricos em circulação nas ruas. Dados de julho deste ano apontam que o Rio Grande do Sul tem 15,4 mil veículos elétricos ou híbridos emplacados, e 16,2% deles (2,5 mil) estão neste recorte do Estado. Quase a metade — 1.050 — circula em Caxias do Sul, ficando atrás somente de Porto Alegre. O volume responde por 0,2% da frota local. Em Gramado, a proporção é maior. Com 163 veículos elétricos emplacados, o município da Região das Hortênsias tem 0,5% desses veículos.

O movimento, também motivado pelas grandes indústrias que configuram em Caxias do Sul e região o principal polo automotivo do Estado, resultou na criação da Mostra de Veículos e Mobilidade Elétrica (Eletric Move), que vai, em novembro deste ano, para a sua segunda edição, nos pavilhões da Festa da Uva. No ano passado, o evento mobilizou 30 mil pessoas.

"É algo que tem avançado muito na região. A cada semestre, temos uma elevação que se aproxima dos 100% de veículos elétricos circulando. Hoje, temos revendas com carros e motos elétricos. E temos o desenvolvimento de tratores, vans, ônibus e caminhões elétricos. É uma tendência que temos aproveitado como uma grande oportunidade", diz o empresário Adair Fantin, um dos idealizadores da feira.

Há dois anos e meio, ele criou uma empresa especializada em projetos e instalação de placas de energia solar. Uma visita ao Uruguai, porém, chamou a atenção de Fantin para um dado curioso: todos os hotéis contavam com carregadores para veículos elétricos. Ele resolveu apostar. Passou a desenvolver projetos para eletropostos e pontos de carregamento.

"A demanda está cada vez maior e mais concreta. No ano passado, eu atendia, no máximo, a um projeto por mês. Hoje, são pelo menos sete", conta.

Para que se tenha uma ideia, na Rota Elétrica, instalada em 2022 entre a Serra e o Litoral Norte, com 10 pontos de recarga, enquanto no primeiro semestre de 2023 foram registradas 900 cargas, nos primeiros seis meses de 2024, este número chegou a 2,5 mil. Na cadeia produtiva que a eletrificação veicular tem movimentado na região, está a Mercosul Motores que, a partir de um financiamento de R$ 3 milhões do Programa Federal Rota 2030, em parceria com a Ufrgs, desenvolveu um kit de eletrificação destinado ao mercado de veículos leves e de utilitários. A intenção da empresa é lançar o produto no mercado após o treinamento de mecânicos.

A Mercosul Motores iniciou sua operação em 2018 com a aquisição do parque fabril onde funcionou a primeira fabricante de motores elétricos do Brasil, a Eberle. O portfólio contempla motores de indução, monofásicos e trifásicos em baixa tensão para linhas comerciais e industriais, dispositivos para automação industrial, redutores de velocidade e, mais recentemente, soluções de mobilidade elétrica automotiva.

De acordo com o CEO da empresa, Carlos Eduardo França, o treinamento não se limitará à conversão de motores, mas também à compreensão sobre o destino a ser dado aos componentes que restarem, especialmente na reciclagem, e no descarte correto do inutilizável.

Evolução dos modelos

- O Rio Grande do Sul é o 7º estado com maior volume de carros elétricos emplacados; em julho, eram 15,4 mil veículos elétricos, híbridos e híbridos plug-in
- 16,2% desses veículos circulam entre a Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vale do Caí e Vale do Paranhana

Fonte: Detran-RS

MAPA ECONÔMICO DO RS

Panorama

Mapa aponta oportunidades para Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí

Eduardo Torres
eduardo.torres@jcrs.com.br

Conheça 16 iniciativas que já se destacam entre as atividades econômicas ou têm projetos com potencial de alavancar o desenvolvimento econômico dessa parte do Rio Grande do Sul

1. POLO METALMECÂNICO BUSCA A SUSTENTABILIDADE

A região concentra o maior polo metalmecânico do Rio Grande do Sul, incluindo o setor da borracha, máquinas e equipamentos agrícolas, utensílios e automobilístico. Tem faturamento médio, conforme o Simecs, de R$ 50 bilhões anuais. A posição de liderança das indústrias da região reflete-se nos projetos de vanguarda em relação à inovação, à descarbonização e à eletrificação automotiva.

2. POLO MOVELEIRO TEM FORÇA NA RETOMADA DO RS

Está entre as regiões da Serra, das Hortênsias e do Vale do Caí, o principal polo produtor de móveis do Rio Grande do Sul. Em junho, mês seguinte à tragédia das cheias, o setor já registrou quase 20% de aumento nas vendas em relação ao mesmo mês de 2023, e a perspectiva é de que os setores de mobiliário popular e de móveis planejados tenham ainda maior procura na reconstrução. Representa oportunidades para investimento – conforme o Sindmóveis, são 300 empresas na região – e trabalho. O setor emprega 5,6 mil pessoas na região e tem déficit de mão de obra no Estado de mil pessoas.

3. A PRODUÇÃO DE UVA, VINHO E OS DESAFIOS DO CLIMA

As mudanças climáticas e os eventos extremos tornam-se fatores fundamentais no planejamento da região especializada no cultivo de uvas e produção de vinhos reconhecidos internacionalmente. Um obstáculo que se torna oportunidade para investimentos em melhorias nos processos de manejo e de desenvolvimento de cultivares na Região da Serra para garantir o alto padrão no vinho do futuro. Em 2023, foram produzidos 457,7 milhões de litros de vinho, mosto de uva e suco de uva no Rio Grande do Sul. Neste ano, foram colhidas 664,9 mil toneladas de uva. A região concentra 80,8% das 539 vinícolas ativas no Rio Grande do Sul.

4. A RETOMADA DA "INDÚSTRIA" DO TURISMO NO RS

As oportunidades no principal polo turístico do Rio Grande do Sul estão nos investimentos em hotéis que servem como hubs para união das diversas vertentes do turismo na região. No Vale dos Vinhedos, onde há o enoturismo de experiência consolidado, avançam investimentos em turismo de eventos, com feiras e seminários setoriais. Na Região das Hortênsias, onde o turismo de lazer mobiliza anualmente até 9 milhões de pessoas, a união com o turismo de aventura e natureza é uma alternativa, pela proximidade com regiões como Aparados da Serra e Vale do Paranhana. O setor foi afetado pelos eventos de maio e o colapso logístico, mas já dá sinais de forte recuperação. Em julho, a rede hoteleira da Região das Hortênsias registrou 55% de ocupação.

5. INOVAÇÃO E SUSTENTABILIDADE NA INDÚSTRIA CALÇADISTA

Se as mudanças climáticas impõem mudanças de consumo e produção mais sustentável, está entre o Vale do Paranhana e a Serra um dos locais onde a tecnologia surge para que os calçados tenham a pegada mais verde. Conforme a Abicalçados, as duas regiões ainda concentram 300 empresas do setor. As maiores mantêm aqui seus centros de pesquisa e desenvolvimento.

6. O SURGIMENTO DO POLO QUÍMICO DO RS

Depois da instalação da Cimentos Gaúcho, em um investimento da empresa Hipermix, em 2023, outras três empresas já operam no espaço que se consolida em Montenegro, no Vale do Caí, como novo Polo Químico do Rio Grande do Sul. Com investimentos previstos de R$ 47 milhões, mais três operações que irão se instalar no local foram confirmadas em abril, aumentando para sete o número de indústrias que estarão no distrito.

7. INDÚSTRIA DA CONFECÇÃO É REFERÊNCIA NA AMÉRICA LATINA

A partir de uma tradição que iniciou em Caxias do Sul e ganhou fôlego em cidades como Farroupilha na década de 1980, o fortalecimento dos setores de tecelagem, malharia e confecções entre a Serra e o Vale do Paranhana coloca hoje a região como uma das referências em toda a América Latina na produção com sustentabilidade. Saem da região peças e coleções de marcas esportivas internacionais. É também o tecido produzido aqui que garante inovação às indústrias da moda mais exigentes do mundo. E até as lingeries da região ganham o cenário internacional.

8. ONDE SURGEM AS JOIAS, BIJUTERIAS E ACESSÓRIOS

Está concentrado em Guaporé o polo gaúcho de joias e bijuterias, que são comercializadas no Brasil e também têm espaço nas exportações da região. Conforme o Sindijoias RS, somente no município, são 252 empresas do setor. Tamanha demanda do setor joalheiro atraiu para Guaporé uma unidade do Senai, que forma jovens especializados para o setor. A vocação da região é completa com a estrutura metalmecânica de Bento Gonçalves e Caxias do Sul, onde empresas especializaram-se na confecção de peças em metal para acessórios de moda, inclusive, internacional.

9. POLO DE INOVAÇÃO E SAÚDE COM TECNOLOGIA DE PONTA

Estão em Caxias do Sul alguns dos melhores hospitais do Rio Grande do Sul. Está no município o segundo melhor complexo hospitalar da rede Unimed no Brasil, e, no Pompéia Ecossistema de Saúde, são realizadas 15 mil cirurgias por ano, e diariamente, 3 mil pessoas circulam pela instituição centenária. A aposta em tecnologia diferencia o atendimento no município, que conta com uma rede de oito hospitais. Investimentos que agora são expandidos para municípios como Bento Gonçalves e Canela. A região abriga ainda universidades e polos de inovação como o TecnoUCS, em Caxias.

10. A AVICULTURA E A PRODUÇÃO DE OVOS

De um lado, as redes gigantes de frigoríficos fortalecem a produção de frangos na região. De outro, a produção de ovos virou uma tradição entre a Serra e o Vale do Caí, e também abrem espaço para grandes grupos do setor. O resultado é o ganho de mercado no Rio Grande do Sul, com o aumento no consumo de proteína, e a oportunidade no mercado externo. Hoje, somente 1% do ovo gaúcho é exportado, mas já começa a figurar entre os principais itens de exportação de municípios como Farroupilha. Um caminho já consolidado, por exemplo, pela produção de frangos.

11. MOINHOS APOSTAM NA FORÇA DO TRIGO GAÚCHO

A produção de trigo gaúcho não está concentrada na Serra, mas a região conta com quatro grandes moinhos, que respondem por pelo menos metade da farinha produzida no Rio Grande do Sul. A importação da matéria-prima chegou a ser reduzida a 20% nos últimos anos, com o fortalecimento do trigo do Rio Grande do Sul. Agora, o setor estimula a oportunidade do cultivo de plantas especializadas para a panificação, e por isso, investem na variação da produção, especialmente em biscoitos e massas no Rio Grande do Sul.

12. DOCES E CONSERVAS GANHAM O MUNDO COM A TRADIÇÃO

A produção de doces, como os chocolates de Gramado e as chimias e geleias do Vale do Caí, e as conservas, também no Vale do Caí, estimulam toda a cadeia produtiva de fornecedores locais e, no mercado, garantem características únicas do produto da região. A aposta do setor é inovar sem mudar a tradição, e a oportunidade que surge é o ganho de terreno internacional, a partir de feiras do setor.

13. BERGAMOTAS, MORANGOS, PÊSSEGOS E LAVANDA

Entre as regiões da Serra e dos Vales do Caí e Paranhana, estão as principais produções gaúchas de frutas como bergamotas, morangos e pêssegos para consumo in natura. E há ainda a produção de lavandas recentemente desenvolvida e impulsionada pelo potencial turístico da região. A oportunidade agora está no investimento em adaptação dessas culturas às mudanças climáticas. Projetos como tecnologias anti-granizo, irrigação e desenvolvimento de pomares melhor adaptados ganham espaço.

14. PRODUÇÃO DE LÁCTEOS APOSTA NA TECNOLOGIA CONTRA DESAFIOS DO CLIMA

Setor diretamente atingido pela tragédia climática de maio, e que enfrenta incertezas em relação às mudanças climáticas para a produção do gado leiteiro, o setor de produção de lácteos investe em tecnologia, como o desenvolvimento genético do gado, a partir da força das cooperativas, para aumentar a produtividade e reduzir o impacto ambiental da produção. A bacia leiteira da Serra não é a maior, mas é uma das mais tradicionais e características do Estado, pela criação do gado em terreno montanhoso, com espécies mais resistentes. Característica que aparece, sobretudo, nos queijos e outros derivados do leite da região.

15. MAÇÃS EM TRANSFORMAÇÃO PARA GANHAR MERCADO

Na última safra, o Rio Grande do Sul produziu 501,9 mil toneladas de maçãs, especialmente nos Campos de Cima da Serra. Um volume pouco mais de 4% superior ao ano anterior. Em 2022, o Rio Grande do Sul exportou a fruta para 39 países, somando US$ 20,4 milhões. O Estado é o maior exportador de maçãs do Brasil, ainda assim, 80% do produto é destinado ao mercado interno. O setor vê grande oportunidade de avanço no mercado externo. Por isso, ao invés de investir no aumento de área plantada, tem apostado no aprimoramento das variedades, com palmares produzindo clones mais "vermelhos".

16. INFRAESTRUTURA LOGÍSTICA É PRIORIDADE

Os estragos provocados pelos deslizamentos durante a tragédia ambiental de maio no Rio Grande do Sul expuseram os limites logísticos de uma das regiões de maior produção industrial do Estado. O acesso por estradas e aeroporto também é decisivo para o turismo na região, o polo mais forte do setor no Rio Grande do Sul. A estimativa da concessionária CSG, que administra o eixo entre as rodovias ERS-122, 446 e 240, RSC-453 e 287 e BR-470, é de que, somente para recompor 120 pontos de estragos nestes trechos, foram desembolsados R$ 120 milhões neste ano. A empresa inicia estudos, porém, que devem apresentar ao governo estadual um plano de revisão estrutural amplo da malha rodoviária da região. Com o fechamento do aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, Caxias do Sul tornou-se uma das alternativas logísticas do Rio Grande do Sul, mas, sem grandes investimentos, problemas como neblina impedem a potencialização deste terminal.

Indústria Metalmecânica

Produção sustentável abre mercados para a indústria

Polo metalmecânico reúne 4,5 mil empresas em Caxias do Sul e região

Eduardo Torres

TRAMONTINA//DIVULGAÇÃO/JC

Automação e redução de gasto energético integram as transformações

Se os eventos climáticos de maio soaram o alarme de todos os setores do Rio Grande do Sul sobre o potencial devastador das mudanças climáticas, no setor metalmecânico, que tem entre a Serra e o Vale do Caí o seu maior polo no Estado – de acordo com o Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Caxias do Sul e Região (Simecs), são 4,5 mil empresas, com a geração de 69 mil empregos entre 17 municípios –, a resposta a este alarme já é desenvolvida e coloca a região na vanguarda de tecnologias inovadoras no setor.

Na Randoncorp, por exemplo, foi desenvolvida a chamada Randon Solar. É uma carreta frigorífica com refrigeração elétrica a partir de painéis solares instalados sobre o veículo, que atualmente já roda em fase de testes com alguns clientes da multinacional, que tem origem e a maior parte do seu parque industrial em Caxias do Sul.

"Tudo o que fazemos tem a ver com a busca de respostas às mudanças climáticas. Na empresa, temos a meta de reduzirmos as emissões em 40% até 2030, e só neste ano, com a inauguração da nossa caldeira verde na Fras-le Mobility, já vamos cumprir 20% da meta. Neste ano, estimamos já termos cumprido 58% no que compete às ações dentro da fábrica. No chamado escopo 3, que é aquele que não está necessariamente no controle da empresa, todos os nossos esforços têm sido no desenvolvimento de produtos de baixo impacto ambiental. E isso tem aberto mercados para o nosso produto", garante o CEO da Randoncorp, Sérgio Carvalho.

São projetos que vão desde a carreta elétrica, que tem a pretensão de chegar ao final do ano com 50 unidades vendidas, até o desenvolvimento de materiais compostos com fibras e carbono que reduzam o peso dos veículos. Mais do que garantir redução do consumo de combustíveis e energia, as inovações têm o objetivo de reduzir o desgaste – e portanto, os impactos ambientais – nas rodovias.

"O desafio competitivo hoje está na ciência dos materiais, na área de nanotecnologia, reprojetando peças mais leves, independentemente do motor que vai prevalecer no futuro. Com a carreta modular, por exemplo, eliminamos 75% das soldas. Isso representa uma tonelada a menos no peso do conjunto. E há ainda o nosso sistema Randon Smart, com sensoriamento online para o cliente em relação ao peso, consumo de materiais, alertas sobre o manuseio da carreta na estrada e sobre o desgaste de peças. Inclusive, com indicações georreferenciadas de onde é possível fazer ajustes ou trocas de peças. Isso garante ganho de tempo e menor gasto de energia na operação na estrada", explica Carvalho.

Mais de 60% dos investimentos da Randon neste ano serão no Rio Grande do Sul, a maior parte em projetos de automação.

Marcopolo já fabrica veículos híbridos e elétricos

A busca da pegada ecológica mais branda tem aberto mercados para a Marcopolo. No primeiro trimestre, a fabricante de ônibus de Caxias do Sul produziu 3,2 mil unidades, garantindo lucro líquido de R$ 316,9 milhões, alta de 34,1% em relação ao mesmo período de 2023. O crescimento garante hoje à empresa participação em 51,9% do mercado brasileiro de ônibus.

Com produções também no México, Austrália e África do Sul, a empresa da Serra já conta com veículos híbridos, movidos a hidrogênio e elétricos. O Attivi Integral, que é o modelo elétrico da Marcopolo, por exemplo, foi 100% desenvolvido no Brasil. De acordo com a assessoria de imprensa da empresa, há uma expectativa de ampliação do mercado para os elétricos no País a partir de compras públicas, pelas prefeituras. Por enquanto, já são 1 mil destes veículos desenvolvidos pela empresa de Caxias do Sul rodando, além do Brasil, na Colômbia, Chile, Argentina e Austrália.

Em relação ao veículo movido a hidrogênio, também há desenvolvimento no Brasil, além de modelos produzidos na Austrália e em parceria com montadoras asiáticas. Por meio de nota, o diretor de Operações Comerciais e Marketing da Marcopolo, Ricardo Portolan, garante que o caminho da descarbonização não se limita aos produtos da montadora, mas principalmente aos seus processos. E isso resulta no reconhecimento do mercado.

Somente com o investimento para garantir energia 100% renovável na produção, entre 2013 e 2023 a empresa calcula ter evitado o lançamento na atmosfera de 38,7 Mt de gases causadores do efeito estufa. O equivalente ao plantio de 1,8 milhão de árvores em 10 anos.

Tramontina aposta em inovação e produtos de baixo impacto

A Tramontina tem fábricas em Carlos Barbosa, Farroupilha e Garibaldi, com as produções de ferramentas e utensílios domésticos. Entre os três municípios, foram exportados pelo menos US$ 168,4 milhões nos primeiros seis meses deste ano. Resultado, como confirma a empresa por nota de sua assessoria, da recuperação de importantes contratos de exportação que haviam sido prejudicados nos dois últimos anos, gerando um aumento de 10% nas vendas externas no primeiro semestre em relação ao mesmo período de 2023.

A empresa tem origem em Carlos Barbosa, mas também pode ser considerada uma multinacional. Tem atualmente 16 filiais no exterior e, a partir de 2025, tem a perspectiva de iniciar produção na Índia.

A afirmação no mercado, garante o presidente do Conselho de Administração da Tramontina, Eduardo Scomazzon, está diretamente associada às ações de sustentabilidade e inovação dos seus produtos. Entre os mais recentes lançamentos está, por exemplo, a linha LYF, que é uma coleção de panelas, facas e talheres que, nos seus cabos têm o uso de plástico reciclado e, no restante, aço produzido somente com energia renovável rastreada, e o alumínio excedente de cada produto é reutilizado no próprio processo produtivo.

Conforme a empresa, 93% dos resíduos gerados durante os seus processos produtivos são encaminhados para recuperação energética, reciclagem ou reutilização. E desde 2020, em parceria com a ONG EuReciclo, a Tramontina passou a garantir compensação ambiental de 22% do volume de embalagens colocadas no mercado.

Maiores exportadores da região

A concentração de diversos setores industriais significativos na economia gaúcha reflete-se nos números da exportação. A região concentra 12 dos 50 principais municípios exportadores do Rio Grande do Sul. Somados, eles comercializaram US$ 923,5 milhões nos primeiros seis meses do ano. O setor metalmecânico puxa as exportações.

- Caxias do Sul (9º do RS jan-jun 2024): 39% carrocerias, partes de veículos, reboques; 20% motores e máquinas; 12,5% guarnições de fricção
- Montenegro (12º do RS jan-jun 2024): 40% tratores, carrocerias, partes de veículos; 14,6% couros; 14% armas de fogo; 10,3% tanantes vegetais
- Carlos Barbosa (13º do RS jan-jun 2024): 89% ferramentas, utensílios domésticos em metal
- Bento Gonçalves (26º do RS jan-jun 2024): 57% móveis e partes de móveis; 18,6% sumos de frutas, vinho, massas e pães
- Nova Prata (28º do RS jan-jun 2024): 77,8% pneus e borrachas
- Garibaldi (30º do RS jan-jun 2024): 51% rações; 20% ferramentas; 13,5% carnes e miudezes de suínos e aves
- Farroupilha (34º do RS jan-jun 2024): 46% artefatos domésticos; 16,5% caixas, sacos, bolsas; 8,5% carnes, miudezas e ovos
- Igrejinha (36º do RS jan-jun 2024): 63.3% calçados e solados; 28,3% roupas
- Muitos Capões (39º do RS jan-jun 2024): 100% derivados de soja
- São Sebastião do Caí (42º do RS jan-jun 2024): 92,9% carnes e miudezas
- Flores da Cunha (46º do RS jan-jun 2024): 28,2% partes de móveis; 20,7% vinhos e álcool; 20% guindastes e máquinas; 18,2% acessórios automotivos
- Veranópolis (50º do RS jan-jun 2024): 76% derivados de soja; 12% armas de fogo

Fonte: Ministério do Comércio Exterior

Indústria Metalmecânica

Formação para trabalhar na nova indústria da Serra começa cedo

Desafio é formar e reter talentos para trabalhar no desenvolvimento do polo metalmecânico

Por trás da tradição no setor metalmecânico, há o desafio de garantir cada vez mais cabeças pensantes neste processo. Para isso, o estímulo à atração de novos talentos com aptidão para esta indústria renovada começa cedo. "Percebemos que, para estes jovens cientistas, é preciso mantê-los motivados e desafiados. Na Randon, temos procurado criar o espaço adequado para eles desenvolverem suas ideias sem medo de errar. Este novo perfil de jovens que entram na indústria gosta de atuar em projetos em que eles vejam os benefícios daquele produto ali na frente", diz o CEO da Randoncorp, Sérgio Carvalho.

A retenção de talentos é um tema recorrente em indústrias, em um momento de inovação constante. Em Caxias do Sul, a escola de mecatrônica do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) desenvolveu, em conjunto com o Simecs, o projeto Escola do Amanhã, que leva a indústria para as salas de aula do ensino fundamental. Durante dois anos, atingindo estudantes entre 14 e 15 anos, eles têm a oportunidade de um curso de iniciação e desenvolvimento de robótica e inteligência artificial custeado pela indústria. O projeto chega e 2024 ao seu segundo ano, com 17 turmas de 25 alunos.

Na sequência, conta o coordenador do curso de Mecatrônica do Senai, Igor Krakeche, as indústrias têm custeado também a formação de jovens aprendizes, por dois anos, a partir dos 16 anos, também na área técnica em mecatrônica e em setores como robótica e automação. Atualmente, são mais de 200 alunos cursando esses projetos de jovens aprendizes na unidade de Caxias do Sul.

"Os cursos, neste módulo, têm as vagas muito rapidamente preenchidas e, ao final, a absorção destes talentos pelo mercado local é superior a 90%. Hoje, um jovem com 18 anos, tendo essa formação, pode chegar à indústria, por exemplo, como um ferramenteiro, com salários em torno de R$ 10 mil", diz o coordenador.

A unidade de Caxias do Sul do Senai pode ser considerada uma das mais modernas no Estado, com parque de máquinas com CNC, soldagem, injetoras, softwares e ferramentas de engenharia de alto nível. Ainda assim, há um desafio para garantir essa formação no Brasil, onde apenas 11% da população entre 15 e 24 anos está matriculada em cursos profissionalizantes.

"Nosso maior desafio é garantirmos a atração para essa qualificação. Na Serra, 95% das indústrias preferem o profissional qualificado pelo Senai, porque a competitividade do setor depende diretamente da qualidade de quem opera esses novos sistemas industriais", aponta o diretor regional do Senai, Carlos Trein.

O polo metalmecânico da Serra

- Caxias do Sul (Randoncorp, Marcopolo, Agrale, Madal, Intral, Guerra, Soprano)
- Carlos Barbosa (Tramontina, Irwin, Usiflex, Usimaq)
- Farroupilha (Tramontina, Marcopolo, Soprano, Thermotec, Usifer, Masal)
- Garibaldi (Tramontina, Madem Máquinas)
- Nova Prata (Vipal)
- Flores da Cunha (TKA Guindastes)
- Montenegro (John Deere, CBC)
- Veranópolis (Boito)

Fonte: Simecs

sindienergia-rs
energias renováveis

Todas as Energias

NA RECONSTRUÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

Sindienergia-RS lança Programa *Todas as Energias para a Reconstrução do Rio Grande do Sul*

A reconstrução, alinhada com investimentos em um setor elétrico de baixo carbono e utilizando todas as fontes renováveis de energia, visa não só beneficiar o meio ambiente, mas também fortalecer a economia local e nacional, aumentando a segurança energética e alimentar e promovendo o desenvolvimento justo e sustentável com o qual o Brasil está comprometido.

Vamos juntos construir um caminho de inovação e desenvolvimento sustentável, mostrando que é possível transformar desafios em oportunidades.

Indústria Têxtil

Caxias confecciona produtos de marcas internacionais

Região tem tradição em confecções; malharias vendem para mercado local e exterior

Eduardo Torres

Seis décadas depois da fundação, hoje é quase impossível determinar até onde chegam as peças de roupas ou tecidos confeccionados pela Pettenati, que é um dos símbolos bem sucedidos da tradição da região na produção têxtil. Entre duas fábricas em Caxias do Sul, a empresa tem a mais moderna e também mais completa malharia da América Latina. Por mês, a Pettenati tem capacidade para entregar até 700 toneladas de tecidos e 200 mil peças confeccionadas aos seus clientes.

Em uma das suas unidades são produzidas peças prontas para confecções de grandes marcas como Nike, Lacoste, The North Face, Le Coq Sportif e Track & Field. Na outra, no distrito de Vila Cristina, a produção é dedicada ao desenvolvimento completo e produção de tecidos de malha circular para até 1 mil clientes das mais variadas marcas da moda ou esportivas.

"Hoje, nenhuma indústria nas Américas concorre com todas as nossas linhas. Atingimos todos os públicos, do esportivo ao estilo montanha, até alfaiataria e o usual do dia a dia. Com o maquinário extremamente flexível para seguir uma linha tão variada, na confecção, preparamos desde o tecido até a peça acabada, atendendo a todas as exigências das marcas internacionais, e inclusive atuando, hoje em dia, na criação. Já na unidade de tecidos, somente 8% do que produzimos é destinado à nossa própria confecção. O restante vai para todo o mercado brasileiro e do Mercosul", explica o CEO da empresa, Ricardo Pettenati.

Hoje, somando as duas áreas industriais em Caxias do Sul, são 75 mil metros quadrados somente em estruturas fabris. Há 60 anos, o italiano Pettenati, pai do Ricardo, deu início à pequena confecção em uma área de 35 metros quadrados. Fabricava suéteres e, assim como hoje, já aproveitava as oportunidades. A Pettenati foi a primeira empresa no Brasil a fornecer uniformes escolares para o poder público. Apenas cinco anos depois da fundação, a confecção já era exportada e, em 1971, figurava em feiras internacionais do setor.

A entrada dos asiáticos neste mercado fez reduzir a presença da Pettenati no cenário internacional a partir da década de 1980 e, na década de 1990, mais uma vez a oportunidade resultou em transformação. A marca própria deixou de existir, e a empresa firmou-se como fornecedora de tecidos para a indústria.

"Mas nós percebemos que era necessário termos um portfólio de peças confeccionadas, até como forma de abrirmos o mercado para novos clientes, então reativamos a confecção em 2003, mas especificamente para atendermos marcas esportivas internacionais. Costumamos dizer que somos clientes dos nossos clientes. E este passo foi fundamental para nos estabelecermos hoje como uma referência na sustentabilidade da produção de tecidos e confecções. Era a exigência para entrarmos neste circuito internacional, e nós aprendemos muito bem", conta o Pettenati.

Cinco anos depois, a empresa caxiense inaugurou uma nova fábrica de confecção em El Salvador, onde há isenções para se tornar competitivo no fornecimento de tecidos para o mercado norte-americano. Hoje, 55% do faturamento da empresa vem das exportações a partir de El Salvador. Lá, são produzidas 850 toneladas de tecidos por mês.

O resultado de tamanha transformação é reconhecido na produção. A empresa da Serra é a maior consumidora de poliéster reciclado das Américas. E, para o tingimento do tecido que resulta desta matéria-prima, só são usados produtos químicos não-tóxicos e corantes que não tenham metais pesados nas suas composições.

"Todo o nosso processo produtivo hoje é reciclável, sustentável. Tudo é circular, como as embalagens plásticas, que são produzidas a partir da reciclagem do nosso resíduo.

PETTENATI/DIVULGAÇÃO/JC

Pettenati é capaz de entregar até 700 toneladas de tecidos por mês

O fato de exportarmos nos fez buscar soluções muito antes do restante do mercado brasileiro fazer isso. Nós fazemos há pelo menos 20 anos. Há 15, adotamos o selo Eco3 em nossos produtos. Entre as medidas adotadas estão a devolução da água que consumimos com melhor qualidade do que captamos, além de reduzirmos, nos últimos 20 anos, em três vezes o uso de água por quilo de tecido produzido. Nosso consumo de energia elétrica também está, hoje, na metade do que projetávamos", explica Ricardo Pettenati.

Para que se tenha uma ideia, enquanto o poliéster reciclado precisa ser importado a partir de El Salvador, porque não é produzido no Brasil, em relação ao algodão, foi da Pettenati a iniciativa para que, primeiro, um produtor brasileiro adaptasse seu plantio para se tornar certificado como "better cotton iniciative (BCI)", que determina se a produção é limpa. Hoje, em torno de 25% do algodão do mundo é BCI. No Brasil, este índice chega a 63%.

"Anualmente somos auditados para garantir que temos descarte zero de químicos perigosos. Hoje seríamos aprovados até na Alemanha pelos padrões ambientais que adotamos aqui", assegura o empresário.

Com 1,3 mil funcionários no Rio Grande do Sul e outros 850 em El Salvador, a Pettenati iniciou em 2022 um ciclo de investimentos pesado em atualização tecnológica. Neste ano, o investimento é ampliado em 25% para a compra de maquinário mais versátil para o setor de tinturaria e, principalmente, para processos de digitalização, automação e aplicação de inteligência artificial aos processos, em uma otimização que deve ser finalizada em 2025.

Polo das confecções

- São 533 indústrias de confecção ativas, com 26 mil empregos diretos e indiretos entre o Vale do Paranhana e a Serra Gaúcha
- Destacam-se neste setor: Caxias do Sul, Farroupilha, Nova Petrópolis, Igrejinha, Três Coroas, Taquara e Gramado

Fonte: Fitemavest

DIEGO FRIGO/BIAMAR/DIVULGAÇÃO/JC

Suélen Biazolli, da Biamar, integra 2ª geração do negócio

Malharia de Farroupilha busca inspiração tecnológica em Milão

Em busca de maquinário mais moderno, para a maior digitalização da produção e aplicação de recursos como inteligência artificial, os diretores da Biamar, de Farroupilha, estiveram em Milão, na Itália, no começo deste mês. Desde 2022, a empresa que fica no coração do polo das malharias, entre Farroupilha e Nova Petrópolis, investe na ampliação do seu complexo fabril, em um novo prédio na cidade.

"Fomos à Itália em busca de tecnologia de ponta para essa atualização da malharia retilínea, em que somos uma referência na região. Hoje, desenvolvemos desde o conceito e o design das coleções em Farroupilha. Com a aplicação dos produtos em 3D, e a partir daí, movimentamos a tecelagem. Diferente daquela visão mais antiga que se tem das tecelagens, hoje esse processo é muito moderno e exige mão de obra também renovada. Um tecelão, hoje, controla 10 máquinas na Biamar", explica a gerente de Comunicação e Criatividade da empresa, Suélen Biazolli.

Ela faz parte da segunda geração da empresa criada pela mãe e pelo tio há 38 anos. Inicialmente, a Biamar produzia peças infantis, e foi uma das diversas empresas do setor surgidas em meio à crise do setor calçadista na Serra. Hoje, conforme o Sindicato das Indústrias de Fiação, Tecelagem, Malharias, Vestuário, Calçados e Acessórios da Serra Gaúcha (Fitemavest), são 533 indústrias do setor na região, que gera até 26 mil empregos diretos e indiretos.

"Com o passar do tempo, ficamos muito conhecidos pela qualidade do tricô. Após a pandemia, retomamos a nossa confecção, e estamos em constante crescimento", conta Suélen.

Hoje, toda a produção da empresa de Farroupilha é feita a partir de energia limpa, especialmente solar. E como a produção é retilínea e com peças prontas, não há cortes e não há geração de resíduos na produção.

Somente neste ano, a empresa investe R$ 5 milhões na finalização do seu novo parque industrial, onde são empregadas 400 pessoas. Todas moradoras de Farroupilha.

Indústria

Confecções do Vale do Paranhana apostam em lingeries e roupas

Em média, um a cada quatro dólares exportados a partir de Igrejinha, no Vale do Paranhana, no primeiro semestre deste ano, é resultado da venda de lingeries e de peças de roupas fitness. É a demonstração na estatística da economia da região sobre a importância não apenas de exportar o que é produzido aqui, mas também vender lá fora um modelo de negócio desenvolvido a partir da região, e que não para de crescer.

"Acertamos muito bem no produto. São confecções que pensam no corpo da mulher latina, com compressão sem deixar marcas, destacando as curvas do corpo, e agora, além da América do Sul, estamos expandindo para Portugal, como uma porta de entrada para a Europa, e o México. A nossa ideia é expandir o nosso modelo, que consiste em produzir e gerar uma oportunidade de empoderamento e geração de renda às nossas revendedoras", explica a diretora financeira do Grupo Crisdu, Tatiana Moser. As vendas para o exterior hoje respondem por 30% do faturamento do grupo.

Com a marca Romance, o Grupo Crisdu vende as suas mercadorias em consignação, para revendedoras em todo o Brasil e na América Latina. Já a marca Fantasia representa o setor comercial do grupo, com a venda por catálogo, para lojas físicas. Hoje, explica Tatiana, são mais de 200 mil revendedoras (99,9% mulheres) da marca.

"Nossa relação com as consultoras é sempre a de mostrar que esta é uma alternativa para melhorarem a vida e serem capazes de gerar renda", conta a diretora.

O negócio foi iniciado em 2005, ainda como uma revenda. Logo, foi percebida a necessidade de verticalizar a operação e entrar, definitivamente, para o ramo têxtil. Hoje, são três plantas industriais. Em Igrejinha é produzida a lingerie, em Três Coroas, operam os teares, com a fabricação própria de tecidos, e a confecção fitness, e em Taquara, ainda há uma fábrica de bojos para soutiens. Ao todo, a empresa produz 800 mil peças por mês.

E a verticalização foi total. Além do modelo diferenciado de vendas, logo a empresa percebeu que havia problemas no setor logístico para fazer chegarem seus produtos sem atrasos e sem danos aos destinos. Trataram de criar um braço logístico, a Log. "O transporte encarecia muito a operação e, especialmente em relação aos bojos, perdíamos muita mercadoria pela falta de cuidado especializado neste serviço. Hoje, temos 10 conjuntos completos de carretas que nos fizeram ganhar tempo, segurança e dinheiro", garante Tatiana Moser. A economia estimada chega a 50% com o transporte próprio, e o envio, por exemplo, desde o Vale do Paranhana até Manaus (AM), foi reduzido pela metade do tempo. Nem mesmo os danos causados pela cheia do Rio Paranhana, que invadiu a fábrica de Três Coroas e danificou 20 teares, reduzindo em até 40% a produção total do Grupo Crisdu, mudam os planos de avanço da empresa.

De acordo com Tatiana Moser, são projetados R$ 20 milhões em investimentos nos próximos meses.

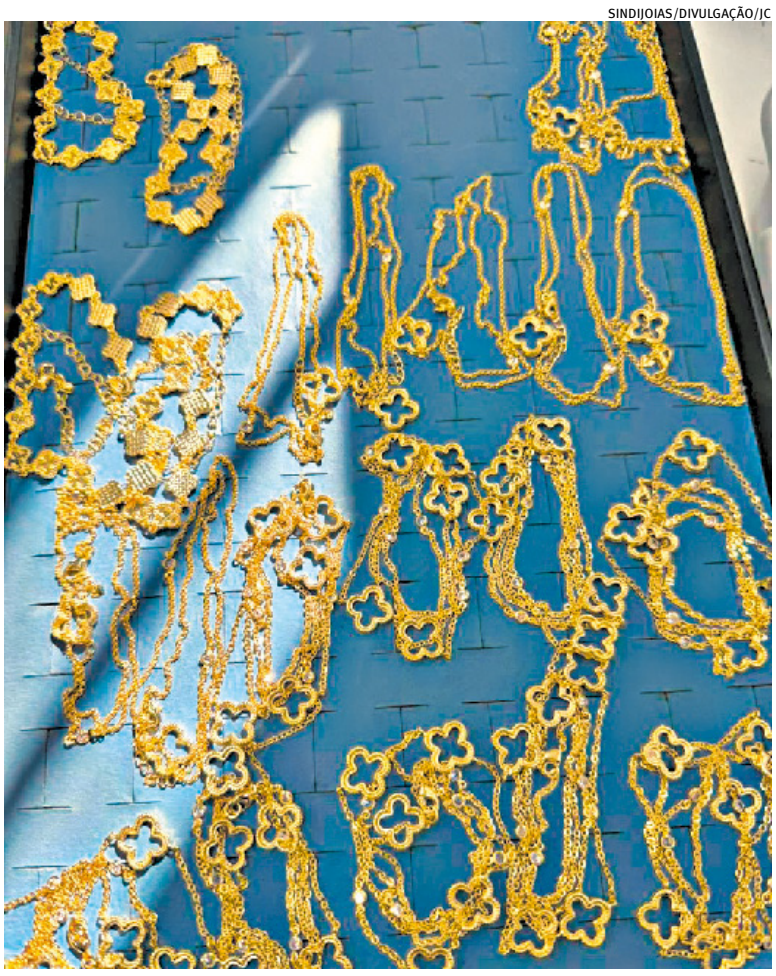
GRUPO CRISDU/DIVULGAÇÃO/JC

Grupo Crisdu amplia produção e trabalha com logística própria

Guaporé é vitrine do polo de joias e bijuterias no RS

Sindicato das Indústrias de Joalheria e Lapidação de Pedras Preciosas do Nordeste Gaúcho soma 252 empresas especializadas

SINDIJOIAS/DIVULGAÇÃO/JC



O município é o segundo no âmbito nacional na produção dos itens

Essa história iniciou lá em 1875, quando a família Pasquali chegou ao Rio Grande do Sul, em princípio, em Bento Gonçalves. João, que fazia parte da família, trabalhava como estafeta entre Bento Gonçalves e o então município de Alfredo Chaves, hoje Veranópolis.

Ele logo percebeu que precisava aprender outra função. Voltou à Itália e, dois anos depois, já na Serra outra vez, mas em Guaporé, passou a exercer a tarefa de ourives, ou joalheiro. Em 1909, deu início ao que se tornaria a Pasli Jóias e rapidamente formaria uma tradição que hoje faz parte do DNA da cidade.

O polo das joias e bijuterias, em Guaporé, hoje movimenta, segundo o Sindicato das Indústrias de Joalheria e Lapidação de Pedras Preciosas do Nordeste Gaúcho (Sindijóias-RS), 252 empresas especializadas – praticamente todas surgidas a partir da Pasli –, de um total de 3 mil em todo o Brasil, e, no primeiro semestre deste ano, exportou em torno de US$ 2 milhões entre bijuterias e artefatos de joalheria. O município é o segundo lugar no âmbito nacional na produção de joias folheadas, com comercialização nacional e internacional.

À frente da produção da empresa pioneira no setor, Carlos Alberto Pasquali faz parte da quarta geração da família. A Pasli Jóias hoje não participa das exportações, e está limitada à produção sob demanda. Foi a forma como ele encontrou para se adaptar, especialmente após a pandemia, diante da concorrência chinesa.

"A matéria-prima é um problema para o setor. As pedras gaúchas, por exemplo, nem ficam mais no Estado. Não são lapidadas aqui e já vão para a China. Para a produção do nosso setor, ou importamos essa mesma pedra da China, ou trabalhamos com a sintética, para os folheados", explica.

Na Pasli Jóias hoje são produzidos 1,5 mil itens de joalheria, com 20 funcionários. A linha de produção já teve 120 pessoas trabalhando, e Carlos Alberto viveu grande parte das transformações do setor.

"A tradição se popularizou na cidade a partir da década de 1980, quando entraram no mercado as linhas galvânicas, que tornaram mais fácil o manuseio do metal. A confecção ainda tem o design, que exige criatividade e humaniza bastante a produção, tornando algo único. Mas, a partir da criação, o processo todo revolucionou. Hoje temos máquinas a laser para os cortes, e a tecnologia nos ajuda bastante, tanto graficamente, com o desenvolvimento das peças em 3D, como na fundição e corte", diz o empresário.

Antigamente, lembra Pasquali, era preciso desenvolver a peça em resina e aí então criar o modelo para a linha de produção. Hoje, esse processo vai direto para as máquinas a partir do modelo em 3D.

"A linha de correntaria, por exemplo, levava uma semana para que o fio ficasse pronto, hoje fazemos isso em um turno. Há 30 anos, levava quase um mês para uma peça estampada se tornar uma matriz. Hoje, em dois dias o aço está gravado a laser", reforça.

Essa transformação abre também oportunidades na região, com a exigência de mão de obra mais qualificada para a operação deste novo parque industrial. Neste aspecto, o Senai é um dos parceiros do setor, com uma escola específica para o setor de joalheria instalada em Guaporé.

Segundo o Sindijóias-RS, a unidade de formação no município é uma referência para todo o Estado, com alunos locais, inclusive, premiados em competições internacionais de inovação. A cada semestre, são iniciadas turmas de especialistas para o setor. Neste mês, por exemplo, está iniciando um curso gratuito, custeado pelas indústrias para a formação de designer de joias e prototipagem, com 25 alunos inscritos.

Indústria

Reconstrução do RS movimenta o polo moveleiro da Serra Gaúcha

Levantamento do setor aponta que há, pelo menos, mil vagas de trabalho disponíveis nas indústrias da região

Eduardo Torres

MOVERGS/DIVULGAÇÃO/JC

Cadeia produtiva é a oitava que mais gera empregos no Brasil; vendas cresceram 19,2% de maio a junho

No momento da retomada da economia gaúcha após as cheias de maio, com a necessidade de reconstrução, o polo moveleiro que tem as regiões de Bento Gonçalves e do Vale do Caí como os pontos mais importantes da produção gaúcha assume um papel fundamental. De acordo com o presidente da Associação das Indústrias de Móveis do Rio Grande do Sul (Movergs), Euclides Longhi, já entre o final de maio e início de junho, o setor registrou os primeiros sinais de aquecimento. Houve crescimento de 19,2% nas vendas em relação ao mesmo período de 2023.

"O primeiro segmento a sentir os efeitos da retomada nesta reconstrução necessária das regiões atingidas pelas cheias foi o de móveis populares. A tendência é de termos incrementos importantes ainda até o final do ano, também com o segmento dos planejados, mais relacionados a empresas e residências com investimentos maiores. Tudo isso significa, além do aquecimento na produção, muitas oportunidades de emprego na nossa cadeia produtiva, que é a oitava que mais gera empregos no Brasil", diz o dirigente.

Segundo ele, hoje há pelo menos 1 mil vagas de trabalho disponíveis entre indústrias do setor moveleiro. Em Bento, conforme levantamento do CIC Bento Gonçalves, a indústria moveleira teve saldo positivo de empregos em junho, contrariando a baixa de vagas em toda a economia gaúcha. Pelo Estado, a Movergs contabiliza 2,6 mil empresas do setor. Somente entre Bento Gonçalves, Pinto Bandeira e Santa Tereza, são 300.

"Durante a cheia, as vendas haviam caído a praticamente zero, mas logo já começamos a perceber a retomada. O que vinha equilibrando os números do setor no ano, e principalmente a movimentação das indústrias no polo de Bento Gonçalves, até então, eram as exportações", explica Longhi.

Entre os primeiros seis meses do ano, somente entre vendas de móveis e partes de mobiliário, Bento Gonçalves registrou US$ 29,8 milhões em valores exportados. Representam 57% de todas as vendas do município ao exterior. Uma das empresas beneficiadas pelo momento é a Multimóveis, criada por Euclides Longhi ao lado da esposa e do cunhado há 30 anos, em Bento. A cada mês a empresa produz 150 mil móveis, empregando 450 pessoas. "Hoje a nossa produção está 100% ocupada. Nossos produtos chegam a 30 países, como resultado direto de um movimento que fizemos a partir da pandemia, quando passamos a vender somente online no nosso canal e em grandes maketplaces, como Magazine Luiza e Mercado Livre", diz o empresário.

Segundo ele, o fato de ser uma empresa fabricante de móveis de Bento Gonçalves abre portas no mercado. "Se o Brasil é o sexto maior produtor de móveis do mundo, a tecnologia de ponta para essa produção sai daqui, do Rio Grande do Sul", aponta.

MOVERGS/DIVULGAÇÃO/JC

Euclides Longhi é presidente da Movergs

Soprano manteve plano de investimentos e quer faturar R$ 1 bilhão em 2024

A produção de móveis não é a única da região a ter protagonismo neste momento. Com plantas industriais em Farroupilha, onde surgiu, e em Caxias do Sul, a empresa dos setores de casa e construção Soprano manteve seu plano de investir R$ 36 milhões este ano com a preparação do seu parque fabril para ampliar a produção e atender ao mercado. A estimativa, no começo do ano, era chegar a R$ 1 bilhão de faturamento em 2024, com um crescimento de 12% em relação a 2023. Agora, a empresa já considera chegar aos 20% de crescimento.

"Vislumbramos um maio complexo, com a tragédia no Estado, mas o resultado ficou muito perto do previsto, e em julho, já entramos com muitos pedidos para sistemas de proteção elétrica. Essa demanda mais básica tende agora a aumentar, e teremos um leve aumento na produção. Estamos inclusive considerando a possibilidade de um crescimento no segundo semestre acima do previsto", diz o CEO da Soprano, Danny Siekerski.

A estimativa é de que, nestes meses após a tragédia, as empresas do setor, que têm na Serra um polo importante de produção, sejam demandadas para itens como disjuntores, tomadas e interruptores. No segundo momento, acredita Siekerski, a procura maior deve se concentrar em fechaduras, dobradiças e chaves.

"Somos muito atuantes neste segmento, e estamos muito bem posicionados no mercado, especialmente no Rio Grande do Sul. Faz parte da nossa prioridade, de tratarmos a nossa casa, que é o Rio Grande, com muito carinho", aponta.

Em torno de 15% do faturamento da empresa concentra-se no Rio Grande do Sul. Nos próximos meses, para dar conta da demanda pela reconstrução, a empresa, que tem 1 mil funcionários, deve fazer algumas contratações.

Quem também já vinha se preparando desde o começo do ano para um aquecimento no setor de construção e mobiliário era a Intral, que tem duas fábricas em Caxias do Sul. Com um investimento de R$ 100 milhões até 2025, a empresa já previa a implantação de um terceiro turno de produção, saltando de 400 para 600 funcionários, e chegando à capacidade de 675 mil peças produzidas por ano ainda em 2024. Até o final do plano de investimentos, a perspectiva é chegar a 1,5 milhão de peças anuais, entre luminárias, lâmpadas e drivers.

PATRÍCIA DAL PICOL/SOPRANO/DIVULGAÇÃO/JC

Empresa já considera chegar aos 20% de crescimento

O polo moveleiro da Serra

- São 300 indústrias moveleiras entre Bento Gonçalves, Pinto Bandeira e Santa Tereza, no maior polo moveleiro gaúcho. Também há destaque para indústrias do setor no Vale do Caí.
- Destacam-se neste setor: Bento Gonçalves, Flores da Cunha, Garibaldi, São Marcos, Caxias do Sul, Gramado, Tupandi, Bom Princípio e Monte Belo do Sul.

Fonte: Movergs

Saúde

Hospitais de ponta são referência para a região

Caxias do Sul sedia complexos de saúde que estão entre os melhores do Rio Grande do Sul

Estão em Caxias do Sul dois dos quatro melhores hospitais do Rio Grande do Sul. É o que aponta o levantamento da Revista Newsweek, que avalia os estabelecimentos de saúde do mundo inteiro. Ao todo, o principal município da Serra tem uma rede com 8 hospitais e, conforme o ranking, o Pompéia Ecossistema de Saúde é o terceiro no Estado e 29º no Brasil, já o Hospital Unimed Caxias, o quarto no Estado e 37º no País.

Em ambos os casos, o alto nível hospitalar está relacionado também a intensos investimentos e modernização das estruturas. "O Pompéia é um hospital com 111 anos de história, muito identificado com a comunidade de Caxias do Sul e de toda a Serra. Somos referência para 49 municípios da região. Há cinco anos, tivemos uma mudança no modelo de gestão. Há quatro anos estamos afirmados como o melhor hospital da Serra Gaúcha", explica a superintendente do complexo hospitalar, Lara Vieira.

Entre as mudanças, está, por exemplo, o nome da instituição, que agora á tratada como um ecossistema de saúde. Segundo Lara Vieira, a ideia é de que as pessoas encontrem todas as soluções de saúde dentro do sistema do Pompéia. Do atendimento preventivo à cirurgia, com todos os níveis de gerenciamento da saúde. E o universo deste acompanhamento não é simples. Diariamente, a estimativa é de que 3 mil pessoas circulem pelo complexo. Referência em serviços como transplantes, cirurgias cardíacas e de trauma, urologia e em medicina de precisão, com o uso de inteligência artificial e com inovações na área de oncologia, a cada ano são realizadas 15 mil cirurgias na instituição.

E a referência atrai o chamado turismo de saúde. A estimativa é de que, a cada 10 pacientes operados no setor de urologia, sete vêm de outros estados. O cenário para investir em saúde em Caxias do Sul pode ser considerado o ideal. O município de 463,3 mil habitantes tem expectativa de vida de 76,58 anos, pouco acima da média estadual. Tem 2,9 leitos para cada 1 mil habitantes, também acima da média estadual, e um índice de quatro médicos para cada 1 mil habitantes. Levantamento de 2022 mostrava que Caxias do Sul tinha 9,3 mil médicos.

Na Pompéia, há a formação entre 50 e 55 médicos residentes em cinco áreas de especialização a cada ano. E há ainda a escola de saúde do complexo hospitalar, que forma entre 300 a 400 pessoas anualmente, a maior parte como técnicos em enfermagem. Ao todo, o Pompéia tem 1,5 mil funcionários e 500 médicos. "A matriz econômica de Caxias do Sul é muito importante, com polos produtivos relevantes. Para quem investe em saúde, este é um excelente local para novos negócios", aponta Lara.

O hospital é uma das referências no atendimento ao SUS, mas avança também no atendimento particular e de planos de saúde. Em Caxias do Sul, 54% da população é coberta por planos de saúde suplementar.

É neste nicho que a cooperativa Unimed Nordeste tem avançado. No seu hospital em Caxias do Sul, são 300 leitos, sendo 60 de UTI, com uma rede de 1,3 mil médicos. A cada ano, nascem, em média, 1,9 mil crianças no Hospital Unimed Caxias. "Temos em Caxias o maior e melhor hospital do sistema Unimed no sul do Brasil e o segundo melhor do País. Atendemos a toda alta complexidade e temos uma estrutura de cirurgias com robótica avançada. Nosso centro materno-infantil é um dos melhores do Estado, certificado pela ONU", diz o presidente da Unimed Nordeste, André Leite. Entre os investimentos recentes, o hospital aportou R$ 20 milhões em seu complexo de robótica.

Inovação

Indústria calçadista do RS busca sustentabilidade e exportações

CALÇADOS BEIRA RIO S.A/DIVULGAÇÃO/JC

Calçados Beira Rio, que tem filial na região, fornece resíduos de retalhos e palmilhas para geração de energia

Entre o Vale do Paranhana e a Serra Gaúcha há 616 fábricas do setor

Eduardo Torres

A partir de Igrejinha, no Vale do Paranhana, onde surgiu a empresa na década de 1970, a Calçados Beira Rio, hoje uma das maiores fabricantes de calçados do Brasil, agora mira no mercado externo. De acordo com o CEO da empresa, Roberto Argenta, hoje as exportações representam 17% do faturamento. A meta é chegar a 25%.

E para isso, aponta Argenta, nem mesmo as cheias de maio, que invadiram a planta industrial instalada em Roca Sales, no Vale do Taquari, fizeram a empresa mudar seu plano de investimentos.

"Neste ano, estamos desembolsando em torno de R$ 30 milhões com a construção de depósitos para matérias-primas e produtos e em máquinas mais modernas, que nos permitirão ampliar a capacidade de produção", diz o empresário.

Hoje, entre as suas 11 unidades no Estado, a Beira Rio tem capacidade para produzir 520 mil pares por dia. E a expectativa é chegar, no final deste ano, a uma capacidade de 600 mil pares diários.

"Temos um preço competitivo, muita qualidade no nosso produto e o design faz a diferença. E quando exportamos as nossas marcas, e não para outros fabricantes, estamos exportando todo o nosso conceito de inovação e sustentabilidade desenvolvido aqui. Por isso, hoje já estamos presentes em mais de 100 países, especialmente na América Latina", aponta Argenta.

Há pelo menos cinco anos, as marcas fabricadas pela Beira Rio são presença garantida em feiras internacionais do setor. No Vale do Paranhana, a atuação vai além da produção de calçados. De acordo com Roberto Argenta, a empresa mantém parceria com a prefeitura local para dragagens constantes no Rio Paranhana. Ação que, talvez, tenha minimizado os efeitos da cheia em maio.

Ainda assim, de acordo com o Sindicato das Indústrias de Calçados de Igrejinha, o estrago foi pesado para o setor. A estimativa foi de prejuízos de até R$ 100 milhões, especialmente em indústrias fornecedoras, que produzem materiais como palmilhas e outros acessórios. Estragos também foram relatados em empresas calçadistas de Três Coroas e Parobé.

Conforme a Associação Brasileira da Indústria de Calçados (Abicalçados), entre o Vale do Paranhana e a Serra estão concentradas 616 indústrias do setor. Em 2022, elas teriam produzido mais de 37 milhões de pares de calçados.

O alerta provocado pelos eventos climáticos reforçou o papel que o setor calçadista desta região tem como celeiro de ações de sustentabilidade que se reproduzem em outras regiões do País.

Na Beira Rio, por exemplo, é a partir desta região que o projeto de reaproveitamento dos retalhos de palmilhas para a produção de novas palmilhas e de materiais para pontos de venda avança. Hoje, os resíduos, que incluem os retalhos restantes, alimentam o projeto mais ousado na área da sustentabilidade da empresa, com o fornecimento destes resíduos para a geração de energia, por meio da tecnologia de pirólise – gera gás de síntese e carvão para serem usados em geradores elétricos das próprias plantas da Beira Rio. A indústria já não envia resíduos para aterros e tem um plano de, até 2030, garantir a certificação de origem sustentável a todos os fornecedores da sua cadeia produtiva.

O polo calçadista

- Vale do Paranhana e Serra concentram 616 indústrias do setor calçadista que, em 2022, produziram 37 milhões de pares de calçados.
- Destacam-se neste setor: Parobé, Igrejinha, Três Coroas, Farroupilha e Nova Petrópolis.

Fonte: Abicalçados

Com inovação criada no RS, tênis mais leves e menos poluentes para o mundo

É em Parobé, no Vale do Paranhana, que tomam forma os projetos de sustentabilidade da Vulcabras, que produz tênis esportivos de marcas como a Olympikus. A produção industrial é feita no Ceará e na Bahia, mas no Rio Grande do Sul, onde nasceu a empresa, como salienta o CEO Pedro Bartelle, está a mente da Vulcabras, no Centro de Pesquisa e Desenvolvimento.

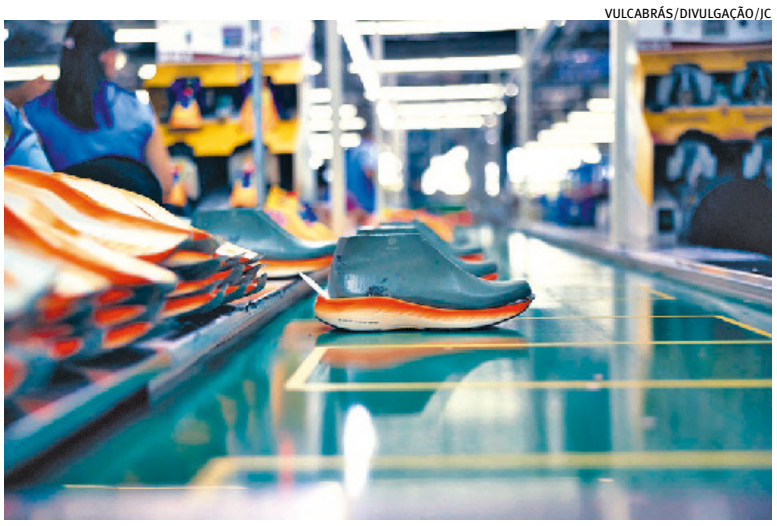
"É muito difícil termos uma produção 100% sustentável, mas somos uma das empresas mais sustentáveis do mundo neste setor. Todos nossos tênis são produzidos com energia limpa, nada vai para o lixo, o que sobra da produção e da reutilização é enviado para coprocessamento e usado em estradas. Com isso, temos conseguido, por exemplo, reduzir custos com solados e praticamente zerar desperdícios", explica Bartelle.

Em seu relatório de 2023, a Vulcabras calcula ter reduzido em 1,4 kt a emissão de gases do efeito estufa no ano passado em relação a 2022. Ações como o reaproveitamento de EVA nos solados dos tênis evitaram o descarte de 679 toneladas do produto no ano passado. Foram ainda ampliadas em 33% a reintrodução de plásticos na cadeia produtiva. De acordo com o CFO da empresa, Wagner Dantas da Silva, 30% dos produtos da Olympikus hoje têm reuso de materiais.

"Desde o briefing para o desenvolvimento destes produtos, como o material que será usado para garantir maior eficiência na formatação química de um solado, por exemplo, tudo é desenhado e planejado em Parobé", explica Silva.

De acordo com Bartelle, são 1,2 mil pessoas atualmente trabalhando no CPD, que está equipado, inclusive, com uma fábrica de amostras e testagens de produtos.

VULCABRÁS/DIVULGAÇÃO/JC



Vulcabras mantém centro de pesquisa e desenvolvimento em Parobé

"Tudo o que está disponível no mundo temos em materiais e máquinas aqui", garante o diretor.

É claro que, para os seus tênis considerados de elite no mundo das corridas, não é possível a reutilização de materiais, mas nem por isso a sustentabilidade no desenvolvimento do produto fica em segundo plano. Hoje, por exemplo, o chamado Corre Supra tem uma base com 213 gramas. Há 10 anos, um modelo deste tipo pesava pelo menos o dobro.

"Aí o trabalho é feito no desenvolvimento de materiais mais leves e sustentáveis. Trazer leveza com estabilidade, contando com a expansão dos materiais é o segredo. No Corre Supra, temos uma placa de carbono, coberta com grafeno e a borracha desenvolvida em parceria com a Michelan, em uma mistura que garante maior expansão e leveza. E há ainda a parte superior do tênis, com teares retilíneos, que tecem o tênis em formato de meia. Quase não tem sobras", conta Pedro Bartelle.

Com investimentos acumulados de R$ 37 milhões em Parobé nos últimos 12 meses, a Vulcabras também produz tênis para as marcas Mizuno e Under Armour. De acordo com Bartelle, a perspectiva é de crescimento de 5% no faturamento.

Tecnologia

Setor químico avança em Montenegro com laboratórios

TANAC/DIVULGAÇÃO/JC

A Tanac é um dos símbolos do objetivo de tornar o município uma referência na produção de tanino

Indústrias já operam no novo Polo Químico; complexo industrial fica no Vale do Caí

Depois de 50 dias com a produção parada pelos prejuízos provocados pela cheia do Rio Caí de maio em seus laboratórios, a Tanac, empresa instalada em Montenegro e um dos símbolos do objetivo de tornar o município uma referência estadual no setor químico, retoma a produção a pleno do tanino, obtido a partir da casca das acácias, e dos seus usos como insumo químico aos mais diversos setores da economia.

A partir do plantio de acácias negras especialmente em florestas plantadas na Região Sul do Estado, e do maior viveiro da espécie no mundo, com 10 milhões de mudas desenvolvidas por ano em Triunfo, a empresa tem hoje capacidade para processar 30 mil toneladas de tanino por ano. E a meta é ampliar essa produção, com investimentos de R$ 68 milhões neste ano.

"Também produzimos pellets e cavacos, a partir das florestas de acácia, mas a nossa grande plataforma de crescimento está realmente voltada à produção dos taninos. Atendemos hoje à demanda nos cinco continentes. São mais de 70 países que recebem os produtos desenvolvidos em Montenegro", explica o diretor presidente da Tanac, João Carlos Soares.

A exportação de taninos já responde por 10% do que é comercializado a partir de Montenegro. Hoje, o produto desenvolvido no Vale do Caí é usado para o tratamento de couros, água e efluentes, e também como complemento na nutrição animal.

O fascinante neste setor químico é que, ao mesmo tempo em que produz para o mercado, a estrutura da Tanac concentra pesquisas laboratoriais que têm como objetivo ampliar o espectro dos usos do tanino.

"Já temos registro no Ministério da Agricultura para o uso como fertilizante organomineral folear para os cultivos de soja, milho e feijão. E estamos evoluindo para outras culturas. Também temos o registro para servir como aditivo nutricional aos bovinos de corte. A partir da obtenção do registro, que sucede às pesquisas controladas, aumentamos a amplitude dos testes. Nestes casos, teremos muito campo para a testagem no Brasil. Claro que tivemos algum atraso nas pesquisas em virtude das cheias, mas já estamos retornando ao ritmo normal", diz o diretor.

Fundada em 1948, a Tanac é pioneira na região e considerada líder mundial em produção de extratos vegetais a partir de acácia negra. Sai na frente em um movimento que ganha forma, agora, com investimentos concretos para a formatação do Polo Químico em Montenegro.

Depois da inauguração da fábrica da Cimentos Gaúcho, dos paulistas da Hipermix, com investimento de R$ 100 milhões no ano passado, e da confirmação, para os próximos quatro anos, de mais R$ 56 milhões para a ampliação da produção cimenteira no município, chegando a 150 mil toneladas de cimento por ano – 15% da demanda gaúcha – em uma área de 80 mil metros quadrados, já são pelo menos sete indústrias instaladas ou com investimentos confirmados para o novo distrito industrial. A instalação na região conta com benefícios do governo estadual, como forma de fomentar o polo.

Em abril, três empresas confirmaram um investimento total de R$ 47 milhões para novas instalações no Distrito Industrial de Montenegro, e com previsão de 180 novas vagas de trabalho na região. A Sulboro, que produz fertilizantes, destinará inicialmente R$ 25 milhões para a nova planta industrial, devendo aumentar este aporte nos próximos anos. A Alubar, que atua no setor de energia, investe outros R$ 16 milhões para produzir carretéis de madeira como insumo para a cadeia energética. E a Traçado Construções e Serviços, que atua no setor de obras e pavimentação, investe outros R$ 6 milhões para instalar um centro de armazenamento de produtos químicos e um centro logístico para estocagem de cimento asfáltico em Montenegro.

Economia circular toma forma no novo hub de fundação focada em resíduos industriais

E se os investimentos industriais em Montenegro fazem tomar forma um novo polo produtivo no Estado, este pacote de aportes também inclui a economia circular, que é parte fundamental para garantir a produção sustentável.

Estão previstas para iniciarem em 2025 as obras para criação da maior central de disposição de resíduos industriais do Estado, também no município, com capacidade prevista para receber até 10 mil metros cúbicos de resíduos da indústria a cada mês.

O projeto é da Fundação Proamb, que surgiu no final da década de 1970 justamente como uma solução para as indústrias de Bento Gonçalves, que precisavam garantir uma destinação correta ao que sobrava da produção. Foi criada a central de resíduos em Pinto Bandeira, e a atuação da Proamb hoje vai muito além daquele polo industrial de Bento.

São 3 mil clientes que buscam na fundação, reconhecida desde o ano passado como uma instituição de ciência e tecnologia pela Finep, não apenas para a disposição do seu lixo, mas uma solução para que a cadeia produtiva siga girando.

"Não há desenvolvimento industrial sem geração de resíduos, seja em maior ou menor quantidade, a questão é como a indústria conseguirá seguir crescendo, tendo de escoar corretamente este resíduo. Somos hoje uma auxiliar da indústria nos processos de descarbonização. A partir da central de resíduos de Pinto Bandeira, o resíduo é enviado a nossa unidade de coprocessamento e blendagem, em Nova Santa Rita, onde aquele resíduo é transformado em combustível alternativo para a indústria cimenteira. Uma opção muito menos poluente, e com menor taxa de emissões, do que os combustíveis a base de petróleo", afirma o diretor industrial da Fundação Proamb, Gustavo Fiorese.

O resultado é que hoje a Proamb é um dos maiores players da América Latina no segmento de coprocessamento para geração energética. Entre as suas unidades, em Bento Gonçalves, a Proamb conta com um setor de engenharia e de laboratório. De acordo com o gestor de novos negócios da Proamb, Diego Tarragô, o objetivo é tornar esta estrutura um centro de pesquisas referencial. "A futura operação em Montenegro será estratégica para o desenvolvimento do Polo Químico e Petroquímico da região, sobretudo pela Proamb apresentar um pacote de soluções para estes setores, como o coprocessamento e a recuperação energética dos seus resíduos", resume a gerente comercial da Proamb, Caroline Couto Pereira.

Segundo Tarragô, ainda há um longo caminho para que o setor industrial gaúcho garanta melhorias concretas nos seus indicadores ambientais. "Atuamos na Serra e, embora a região esteja entre as mais avançadas do Brasil, a maioria das indústrias ainda não tem um plano próprio de economia circular. Temos uma grande oportunidade de avançar neste sentido", aponta o gestor de novos negócios. Em alguns estados, por exemplo, a renovação de licenças ambientais já é condicionada a determinados índices de reaproveitamento de materiais, como embalagens.

Turismo

Crescimento do turismo é oportunidade para a Serra

Liderado pela Região das Hortênsias, destino atrai cerca de 10 milhões de visitantes por ano

Eduardo Torres

Levantamento da Secretaria Estadual do Turismo (Setur), em parceria com o Sebrae, apontou que, em 2022, aproximadamente 10 milhões de turistas buscaram Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Gramado, Canela, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, Garibaldi e Cambará do Sul como destinos. Um fluxo que garante uma das mais consagradas oportunidades para a economia da Serra. Agora, imagine que em um mês este fluxo reduziu-se a praticamente zero.

Foi o que o setor experimentou durante as cheias de maio e, já no mês seguinte, começou a dar mostras de recuperação. "Tivemos cancelamentos em massa de estadias e eventos naquele mês. O movimento sumiu. Foram quatro eventos de médio e grande portes que organizaríamos naquele período e foram cancelados. A ocupação do hotel também caiu para zero. Mas já percebemos no mês seguinte a movimentação voltando a aquecer e, em julho, tivemos uma boa retomada, que mantém a nossa projeção de crescimento para este ano. Também já retomamos os agendamentos de eventos, por ora, regionais, em virtude do aeroporto de Porto Alegre, mas logo que forem retomados os voos, podemos dizer que o fluxo estará normalizado também neste setor", explica o CEO do Boulevard Convention, Leandro Carpes.

O empreendimento iniciou suas operações na entrada do Vale dos Vinhedos, que compreende a região produtora de vinhos entre Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul e, dentro da rota das uvas e vinhos, é um dos destinos de viagem preferidos deste recorte do Rio Grande do Sul, com o enoturismo. E é por este valor de mercado que um grupo de investidores aportou R$ 108 milhões para erguer o o Boulevard Convention. A ideia, apontando para uma nova tendência em toda a região, é de que o local seja um hub turístico para unir os segmentos de feiras e eventos com o de experiência, oferecido pelas vinícolas do Vale, por exemplo.

"Atendemos a uma demanda de alto potencial no mercado, que une os seminários e convenções ao enoturismo e essa busca de um público menos massivo por boas experiências gastronômicas e de convívio. Quando se organizam esses eventos em capitais, há uma certa adesão. Mas quando o mesmo evento é organizado em uma região turística, como é o Vale dos Vinhedos, a procura é, em média, 20% superior", detalha Carpes.

A aposta por Bento Gonçalves também não foi à toa. Como Leandro Carpes explica, o Vale dos Vinhedos tem se tornado uma região muito querida pelo Brasil. A taxa de turistas no local cresce de 10% a 12% ao ano, com tendência de melhora.

No Boulevard Convention, são 211 quartos, que já atraem para o turismo nos finais de semana, pelo Vale. Com os eventos, a lacuna da ocupação durante os dias de semana tem potencial para ser preenchida. As perspectivas, aponta o CEO do empreendimento, são muito positivas para 2025.

"É o destino mais desejado do Brasil, e quando lançamos o projeto, tivemos uma surpresa muito boa, porque dois terços dos investidores são de fora do Rio Grande do Sul. Foi essa atratividade e a credibilidade da região que fez a diferença", garante o executivo.

Uma oportunidade que os integrantes da Associação dos Produtores de Vinhos Finos do Vale dos Vinhedos (Aprovale) tratam de aproveitar com muita criatividade. São quase 90 atrativos — um terço deles de vinícolas.

Entre os roteiros, aponta a associação, destacam-se inovações no enoturismo, desde o lançamento de vinhos e espumantes e experiências de gastronomia autoral até a participação na vindima, a colheita da uva, com a participação dos turistas na pisa das uvas, em jantares, piqueniques e passeios mais relacionados ao convívio com a natureza da região.

De acordo com a associação, somente no Vale dos Vinhedos, há uma média de 300 mil visitantes anuais. Uma experiência que deixa para vinícolas como a Miolo, por exemplo, 10% do seu faturamento vinculado ao enoturismo.

Feiras setoriais movimentam calendário de eventos da região

Conforme o levantamento da Setur, em 2022, foram 1,7 milhão de turistas ao longo do ano tiveram Bento Gonçalves e Garibaldi como destino único, sendo 60% deles do Rio Grande do Sul. O calendário de eventos local é repleto de feiras setoriais, como a Feira Internacional de Fornecedores da Indústria Moveleira (FIMMA), a Movelsul, a Fiema Brasil, que envolve a sustentabilidade na indústria, a Festa Nacional do Vinho (Fenavinho), a Wine South America, a Envase Brasil e a Expobento.

Em relação a este último evento, o levantamento fez uma análise do fluxo de turistas ao município, e apontou que, em 2022, 63 mil turistas estiveram em Bento Gonçalves especificamente para a feira.

Estrutura semelhante para o turismo de eventos há em Caxias do Sul, onde acontecem feiras como a Mercopar, Eletric Move e seminários setoriais em áreas que vão desde a mobilidade urbana até a gestão de resíduos e o avanço do grafeno. No mesmo levantamento da Setur, foi avaliado o fluxo de turistas durante a Festa da Uva de 2022. que atraiu para a cidade 211,6 mil turistas únicos. Ao longo daquele ano, Caxias do Sul recebeu 1,4 milhão de turistas.

Nos dois municípios de maior população e PIB da região, houve redução neste fluxo em relação a 2019, antes da pandemia. No entanto, e este é um indício importante da adesão aos eventos, houve aumento na permanência de visitantes entre quatro e 14 dias.

O calendário de eventos, feiras e seminários consolida-se cada vez mais em toda a região. Em Gramado, por exemplo, há o Festuris e o Festival de Cinema. Em Nova Petrópolis, a Tricofest, em Carlos Barbosa, a Festiqueijo e em Garibaldi, a Fenachamp. Para que se tenha uma ideia, somente durante o Natal Luz, em Gramado, em 2022, foram 529,2 mil turistas únicos, mas a movimentação chegou a 2,5 milhões de pessoas que circularam pela região, movimentando toda a cadeia de serviços local.

AUGUSTO TOMASI/DIVULGAÇÃO/JC

Fenavinho, em Bento Gonçalves, reúne produtores e visitantes

Investimentos em hotéis de luxo e contato com a natureza

Levantamento estadual aponta que, em 2022, Gramado, Canela e São Francisco de Paula foram os destinos turísticos de 4,9 milhões de pessoas. Com um diferencial: enquanto nas demais cidades da região há predomínio de turistas de cidades gaúchas como origem, na região das Hortênsias, os turistas da cidade de São Paulo só ficam atrás, em números, dos visitantes de Porto Alegre. Em Gramado, foram 100 mil paulistanos hospedados em 2022.

É em busca deste potencial que o grupo Kempinski inova no investimento que transforma o histórico Laje de Pedra, em Canela. De acordo com o sócio do Kempinski Laje de Pedra, José Paim de Andrade Júnior, o empreendimento, que terá a sua primeira fase de obras concluída em 2026, vai transformar o turismo na região. A ideia é seguir o princípio do hub turístico, mas unindo o turismo de lazer e luxo, com a gastronomia e os serviços de Canela e Gramado, com o turismo de natureza e esportes extremos, entre as regiões das Hortênsias e os Campos de Cima da Serra, com os Aparados, por exemplo. "A região hoje tem um potencial subaproveitado. O turista de alta capacidade de renda, que investe em torno de US$ 500 por dia, está em busca justamente da natureza e da alta qualidade na enogastronomia que temos na região. São 35 cânions a partir da Serra, e Gramado e Canela têm 800 restaurantes de alta qualidade."

Os atrativos

- Em 2022, 10 milhões de pessoas tiveram Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Gramado, Canela, Nova Petrópolis, São Francisco de Paula, Garibaldi e Cambará do Sul como destino turístico.

Regiões turísticas e suas atrações:

- Campos de Cima da Serra (Aparados da Serra)
- Hortênsias (Parque Estadual Caracol, museus, parques temáticos, gastronomia, eventos e seminários)
- Uva e Vinho (enoturismo, eventos e seminários)
- Vale da Felicidade (eventos no Vale do Caí durante todo o ano, que incluem colheitas, festas folclóricas e temáticas)
- Vale do Paranhana (experiências junto à natureza, em contato com o Rio Paranhana)

Fonte: Setur

Logística

Tragédia climática expôs limites da infraestrutura

Serra Gaúcha espera avanços, como a duplicação rodoviária até Porto Alegre e aeroporto melhor para a região

LATAM/DIVULGAÇÃO/JC

O terminal Hugo Cantergiani, em Caxias do Sul, virou uma das alternativas aéreas no Rio Grande do Sul desde as enchentes de abril e maio

A tragédia climática de maio escancarou a fragilidade na infraestrutura – por terra ou por ar – da região que concentra alguns dos setores econômicos mais importantes do Estado. Um problema que, mesmo antes dos estragos causados pelas cheias e deslizamentos, já era apontado como um ponto nevrálgico para o desenvolvimento futuro da região.

"Temos um potencial turístico muito maior do que é explorado hoje, especialmente em relação às belezas naturais acima da Serra, mas são lugares quase inacessíveis. A qualidade das rodovias é muito ruim. E há ainda toda a dificuldade para o turista chegar a Gramado e a Canela. Temos o terceiro principal destino do turismo brasileiro, mas uma rede aérea muito deficitária. Com o fechamento do Aeroporto Salgado Filho, esse problema ficou ainda mais evidente. Não há oxigênio na infraestrutura para sustentar o nosso potencial turístico. Se houver investimentos em um aeroporto regional, como em Canela ou em melhorias em Caxias, vamos decolar", acredita o sócio do Kempinski Laje de Pedra, José Paim de Andrade Júnior.

Ele compara a situação do Rio Grande do Sul com Santa Catarina. Enquanto aqui, são 14 voos diários para São Paulo a partir dos aeroportos regionais ativos, no estado vizinho, entre quatro aeroportos regionais, operam 53 voos diários para a capital paulista. "Hoje, o turista que chega ao aeroporto de Caxias do Sul pensa que tudo aqui é desorganizado. Enquanto o turismo responde por 4% do PIB gaúcho, em Santa Catarina, responde por 12%", compara.

Uma mobilização de empresários locais trabalha para viabilizar voos nacionais no aeroporto de Canela. O governo estadual repassou a gestão deste aeroporto à União e, com a outorga à Infraero, a expectativa é ampliar a atual capacidade da pista.

A ideia agora é que haja um alargamento, possibilitando o recebimento de aeronaves com até 72 passageiros. Este processo deve ser concluído até 2025.

Em Caxias do Sul, o aeroporto Hugo Cantergiani se tornou uma das alternativas aéreas do Rio Grande do Sul desde as cheias. O resultado foi quase o dobro do volume de voos registrados entre janeiro e maio deste ano em relação ao mesmo período de 2023, com 3.001 operações. A média mensal saltou de 339 para 600 operações.

A estatística inclui os voos humanitários com doações e transporte de equipes de socorro. E expôs a limitação estrutural do aeroporto da principal cidade da Serra. Foram 23% dos voos programados que não conseguiram pousar devido às condições climáticas. A neblina é a principal causadora dos cancelamentos. Em junho, o governo do Estado anunciou investimentos de R$ 14 milhões para melhorias na estrutura do terminal de passageiros e da pista do aeroporto, que passará por recapeamento, além de uma avaliação da possibilidade de extensão. Outros R$ 1,3 milhão são previstos em investimentos municipais para a compra de dois indicadores de Percurso de Aproximação de Precisão (Papi), fundamentais para pousos em situação de neblina.

Paralelamente, o município espera a finalização pelo governo federal do projeto para a construção do aeroporto em Vila Oliva, no interior do município.

Os caminhos para a Serra por terra e por ar

• **Aeroportos em Caxias do Sul e Canela:** a região espera por investimentos em melhorias nos atuais aeroportos das duas cidades e, com investimento previsto de R$ 200,5 milhões, o projeto do Aeroporto em Vila Oliva, também em Caxias do Sul, aproxima-se de sair do papel.

• **Duplicações adiadas:** com a destruição provocada pelas cheias de maio, ficou congelado o investimento superior a R$ 200 milhões previsto pela concessionária CSG para o início das duplicações entre as ERSs-122, 446 e 240, as RSCs-453 e 287 e parte da BR-470. Novos estudos de engenharia estão em andamento.

• **Obras do PAC:** somente a obra de melhorias da BR-285, que liga São José dos Ausentes a Santa Catarina, com investimento de R$ 105,9 milhões e já em execução entrou no primeiro pacote de obras do novo PAC do governo federal.

Obras na rodovia BR-116 ficam fora do PAC

Em relação aos projetos incluídos no novo PAC, a Serra acabou beneficiada somente com as obras de melhoria e pavimentação da BR-285, que liga São José dos Ausentes a Santa Catarina. Um caminho considerado fundamental para escoamento da produção rural e industrial da região em direção aos portos catarinenses, por exemplo. São investimentos federais de R$ 105,9 milhões, e a previsão de entrega das obras é em 2025. Ficou de fora uma das principais bandeiras do setor industrial de Caxias do Sul, que é o projeto de melhorias e ampliação da BR-116. Desde o ano passado está pronto o projeto para a construção de um viaduto entre a rodovia e a Perimetral Norte da cidade.

São previstos R$ 50 milhões nesta obra, e há mobilização para que a bancada gaúcha obtenha o recurso junto ao governo federal. E há a necessidade de duplicação do trecho da rodovia entre a Avenida São Leopoldo e o acesso ao bairro Planalto, travada após imbróglio entre Dnit e Sulgás para remoção ou não de tubulação subterrânea de gás.

Concessionária trabalha na recuperação de rodovias

Os estragos de maio deixaram, especialmente, um rastro de problemas nas rodovias que ligam a Serra e os vales do Paranhana e do Caí às demais regiões do Estado. A estimativa da concessionária Caminhos da Serra Gaúcha (CSG) é de que, desde o começo das chuvas, com os deslizamentos e perdas de pistas, foram detectados 120 pontos de atenção com necessidades de reparos na pista, demandando até R$ 120 milhões em investimentos entre as rodovias administradas pelas concessionária, as ERSs-122, 446 e 240, as RSCs-453 e 287 e parte da BR-470.

"Houve deslizamentos e rompimentos de pistas especialmente em trechos como entre São Vendelino, Farroupilha e Bento Gonçalves. Nestes pontos, foi preciso refazer as pistas, assim como em Capela de Santana. E houve ainda um ponto crítico em Antônio Prado. Nossas equipes foram para as pistas logo que possível, não apenas para o trabalho nos locais de rodagem de veículos, mas na recomposição de taludes e drenagens", diz o diretor presidente da CSG, Ricardo Peres. Os planos iniciais da concessionária eram de dar a partida, com investimentos de R$ 220 milhões até o início de 2025, em obras de duplicação dos trechos sob a sua administração, mas eles estão sendo revisados.

Fruticultura

Produtores de frutas buscam se adaptar às mudanças no clima

Vale do Caí se destaca pelo cultivo de bergamotas em diversos municípios

Eduardo Torres

GUSTAVO VIEGAS/ARQUIVO PESSOAL/DIVULGAÇÃO/JC

Rio Grande do Sul tem a maior área cultivada de bergamotas do Brasil, com quase um quarto do total

O setor agrícola da Serra, dos Campos de Cima da Serra e dos Vales do Caí e Paranhana movimenta-se para criar ferramentas que amenizem os efeitos de eventos extremos do clima, especialmente sobre pomares. Com consultoria da Universidade de Caxias do Sul (UCS), por exemplo, produtores de Nova Pádua e Nova Roma do Sul começam a operar um sistema antigranizo sobre suas plantações.

A partir do monitoramento de nuvens com potencial para gerar granizo, um canhão é ativado para disparar contra elas fragmentos de prata, que reduzem os tamanhos dos granizos e, por consequência, evitam as perdas na lavoura.

"Esta é uma ferramenta contra um dos possíveis eventos climáticos que tendem a ser mais frequentes na região. Sempre tivemos uma preocupação nessa região com as baixas temperaturas e, em geral, o cultivo de citrus já está adaptado, a partir de enxertos, a uma maior tolerância ao frio. Toda a nossa fruticultura no RS sempre foi baseada nisso. Agora, com aquecimento e eventos extremos de calor e frio, os riscos de doenças na citricultura aumentam e podem comprometer a produção. É preciso que o produtor invista cada vez mais em conhecimento técnico e que retorne aos princípios agronômicos de conservação do solo, com plantio direto e manutenção de plantas de cobertura abaixo dos pomares", afirma o engenheiro agrônomo da UCS, Gabriel Pauletti.

Segundo ele, a implantação de sistemas de irrigação é uma solução necessária em áreas como as de cultivo de bergamotas, no Vale do Caí. Nesta região, conta o pesquisador, a média de chuvas, historicamente, não é insuficiente. O risco, porém, é o desequilíbrio, com alta concentração de chuva em pouco tempo a partir de um clima de baixa média de chuva.

"Chuvas concentradas aceleram o crescimento da fruta e acabam rachando a casca, por exemplo. A ideia do bom manejo é sempre garantir o equilíbrio e a produção em tempos diferentes, que escapem de algum desequilíbrio hídrico mais significativo. No cultivo de citrus, isso é possível, diferentemente de outras culturas", aponta o professor.

O Rio Grande do Sul tem a maior área cultivada de bergamotas do Brasil, com mais de 13 mil hectares, quase um quarto do total. A fruta é cultivada em 403 municípios gaúchos, com maior concentração no Vale do Caí. Em 2023, conforme a Emater, eram 4.581 produtores no RS.

A irrigação, por exemplo, já é um elemento comum no plantio de morangos, também no Vale do Caí. E mesmo com o plantio super controlado, e estufas, as mudanças climáticas também comprometem essa cultura. Os morangos precisam de noites frias para a floração. Se elas são reduzidas, o desenvolvimento das plantas fica comprometido.

A fruticultura na região

Produção de maçãs
- Vacaria
- Bom Jesus
- Caxias do Sul
- São Francisco de Paula
- Monte Alegre dos Campos

Produção de bergamotas
- Montenegro
- Pareci Novo
- São José do Sul
- Veranópolis
- São José do Hortêncio

Produção de pêssego de mesa
- Pinto Bandeira
- Farroupilha
- Caxias do Sul
- Antônio Prado
- Campestre da Serra

Produção de morangos
- Bom Princípio
- Feliz
- São Sebastião do Caí
- São José do Hortêncio
- Alto Feliz

FONTE: AGAPOMI

Turismo alivia perdas com a lavanda

No Vale do Paranhana, os eventos de maio foram catastróficos no plantio de lavanda, que se tornou a marca do município de Morro Reuter. A extração de óleo não será possível na plantação de 1,8 hectare do Celso Schuck, que em 2021 iniciou o plantio e criou a Lavandas do Morro.

"A lavanda precisa de sol e vento, mas teve muita chuva e de maneira irregular. A planta secou. O bom é que tínhamos um bom estoque dos anos anteriores, e isso mantém o movimento do turismo na propriedade. Em anos de boa safra, nossa produção gira em torno de 30 litros extraídos", explica o agricultor.

Nesta produção, a lucratividade não é dependente somente do que as plantas são capazes de gerar. Na Lavandas do Morro, 75% do faturamento fica por conta dos turistas que visitam a região.

Em busca de maçãs que encantem

É também atento aos olhos do mercado que o produtor de maçãs nos Campos de Cima da Serra tem investido. Conforme o presidente da Associação Gaúcha de Produtores de Maçã (Agapomi), Gilberto Marques, a extensão da área de plantio tem se mantido. A prioridade tem sido na reconversão dos pomares.

"Os produtores têm investido no plantio de clones de frutas mais vermelhas, para atender à exigência do mercado, principalmente pensando na exportação. A maçã brasileira tem muito espaço lá fora, o mercado asiático é muito forte, mas ainda estamos em uma etapa de equilíbrio no mercado interno para garantirmos a venda externa", aponta.

A maçã é produzida em 47 municípios gaúchos localizados, quase na sua totalidade, nas regiões da Serra, Nordeste e Campos de Cima da Serra. De acordo com Marques, em média, o Estado exporta 150 mil caixas por safra. Ficam no mercado nacional 80% das maçãs produzidas no RS. Na última safra, porém, a qualidade da fruta reduziu as exportações.

"Ainda não temos números finais da safra, mas saíram maçãs miúdas como consequência das chuvas de setembro e outubro de 2023, que acabaram prejudicando o período de floração. A estimativa é de redução de até 27% na colheita em relação ao ano anterior. Nesta chuva de maio, o maior prejuízo foi com relação à maçã fuji, que estava na fase final da colheita. Temos relatos de perdas de até 70% dessa variedade no campo em algumas propriedades, além da perda de solo em algumas regiões, como em Caxias do Sul", diz o presidente da associação.

Em conjunto com produtores de Santa Catarina, estado que divide com o Rio Grande do Sul 97% da produção brasileira de maçãs, a Agapomi tem encampado estudos de variedades que possam ser mais resistentes a pragas provenientes do excesso de chuvas.

A consequência da safra pode ser conferida nos números de exportação de Vacaria, município que concentra 53% da produção gaúcha de maçãs. Neste ano, a fruta responde por 35% das vendas ao Exterior. No ano anterior, representava 78%. Com isso, quem ganha destaque nesta balança é a soja.

Está nos Campos de Cima da Serra a última fronteira desta produção. Em 2023, porém, o grão nem figurava entre os artigos exportados por Vacaria. Em 2024, 51% dos produtos vendidos para fora do País foram em soja.

Agropecuária

Melhoria genética de rebanhos ajuda na sustentabilidade da produção de leite

Cooperativa Santa Clara, de Carlos Barbosa, é um dos grandes laticínios da região

SANTA CLARA/DIVULGAÇÃO/JC

Produção da Santa Clara é dividida em 50% leite longa vida e 50% queijos e outros derivados

O caminho para a produção mais sustentável e para a manutenção do alto índice de produtividade leiteira – com uma meta de redução de 30% na emissão de gases do efeito estufa no campo –, na Cooperativa Santa Clara, começa no laboratório.

Pioneira na utilização de inseminação artificial de vacas leiteiras, desde a década de 1950, a cooperativa aprimora ainda mais essa seleção para garantir maior produtividade, com rebanhos menores e menor necessidade do uso de recursos naturais para a produção.

"Nosso departamento técnico seleciona touros para a melhoria genética dos rebanhos nas propriedades, faz a avaliação das vacas e o genoma de cada uma delas é analisado para encaminharmos a melhor inseminação e garantirmos produção maior, com excelência", explica o diretor administrativo e financeiro da Cooperativa Santa Clara, Alexandre Guerra.

O chamado Projeto Genoma foi iniciado em 2016, de forma piloto, com 100 animais em dez propriedades. Com um rebanho de 48 mil vacas em lactação, a cooperativa mantém parceria com um laboratório nos Estados Unidos para essa análise detalhada até o aprimoramento genético dos rebanhos que, na Serra, têm características próprias.

"Estamos em uma grande montanha, então, este gado precisa ser mais resistente. Em geral, a raça holandesa é a que predomina nas propriedades da região", aponta Guerra.

Com uma rede de 2,3 mil produtores de leite em 130 municípios, a Santa Clara estima que 20% deles tenham tido perdas graves nas cheias e deslizamentos de maio e, em 50% das propriedades, as perdas foram moderadas. A preocupação da cooperativa não está relacionada, necessariamente, com o rebanho, mas com a manutenção da produção nestas localidades. As perdas de solo podem levar até cinco anos para uma recuperação plena.

Ainda assim, a cooperativa mantém de pé o seu plano de investir R$ 28 milhões neste ano. O principal investimento é direcionado para erguer um novo e amplo centro de distribuição em Carlos Barbosa, que possibilitará ampliar a produção entre as três indústrias de laticínios e o frigorífico de suínos.

"Hoje, a nossa estrutura conta com sete centrais de distribuição pequenas. Agora, poderemos expedir grandes volumes a partir das empresas, com uma capacidade de armazenamento duplicada", explica o dirigente.

A produção da cooperativa é dividida em 50% de leite longa vida e outros 50% com queijos e outros derivados. Ao todo, a capacidade de processamento atual é próxima de 800 mil litros de leite por dia. No frigorífico, são 500 suínos abatidos diariamente.

Produção de leite e moinhos na região

Principais laticínios
- Carlos Barbosa (Cooperativa Santa Clara)
- Nova Petrópolis (Cooperativa Piá)
- Taquara (Dielat)
- Boa Vista do Sul (Laticínios Steffenon, Languiru)
- Bento Gonçalves (Bento Gonçalves)

FONTE: SINDILAT

Produção de leite em municípios
- Carlos Barbosa
- São José dos Ausentes
- Bento Gonçalves
- Boa Vista do Sul
- Nova Petrópolis

FONTE: SECRETARIADA AGRICULTURA

Principais moinhos
- Caxias do Sul (Orquídea)
- Vacaria (Moinhos Vacaria)
- Antônio Prado (Moinhos do Nordeste)
- Bento Gonçalves (Isabela)

FONTE: ABITRIGO

Produção de trigo em municípios
- Muitos Capões
- Esmeralda
- Vacaria

FONTE: IBGE

Moinhos apostam no aprimoramento da produção de matéria-prima

É também no aprimoramento da produção da sua matéria-prima que os moinhos, produtores de farinha de trigo, apostam. O gerente de marketing da Orquídea, Marcelo Tondo, conta que a empresa acompanha as pesquisas da Embrapa para o desenvolvimento de um grão especial de trigo para panificação no RS, como é desenvolvido na Argentna. Em 2022, a safra de trigo aqui foi tão boa que a empresa optou por reduzir a importação.

A empresa, de Caxias do Sul, é um dos quatro grandes moinhos de farinha na Serra, e passa por crescimento. Hoje, a Orquídea processa 1,7 mil toneladas de trigo ao mês. A perspectiva é, no fim do ano, ter capacidade para 2 mil toneladas. Resultado do plano de investimento de R$ 200 milhões – R$ 60 milhões só neste ano.

Nas operações na Serra, o investimento abarca duas novas linhas para biscoitos. Uma para a produção de laminados – embalagens com oito biscoitos –, que já está operando, e outra, que deve ser finalizada este ano, para biscoitos moldados.

Na busca por sustentabilidade, opera desde março um moinho, em São Paulo, dedicado à farinha orgânica. A ideia é trazer o produto para o Sul, com o estímulo à produção de trigo 100% orgânico, que hoje só acontece no Sudeste.

A produção de ovos e os aviários

Produção de Ovos
- Morro Reuter
- Farroupilha
- Antônio Prado
- Flores da Cunha
- Nova Prata
- Alto Feliz

Produção de Frangos (Aviários)
- Serafina Corrêa
- Fagundes Varela
- Garibaldi
- Boa Vista do Sul
- Tupandi
- Montenegro
- Caxias do Sul

FONTE: ASGAV

Granjas de ovos ganham espaço no mercado da região

Foi com a compra de 20 pintinhos que, em 1969, o pai de Daniel Bampi, atual diretor da Granja Bampi, iniciou a produção de ovos da família, que hoje faz parte de uma cadeia produtiva com índices de crescimento de 10% ao ano.

A partir de Farroupilha, onde fica a granja, foram exportados no primeiro semestre pouco mais de US$ 1 milhão, figurando pela primeira vez entre os itens comercializados por empresas locais com o Exterior. Em todo o Estado, entre janeiro e junho, foram exportados US$ 10 milhões em ovos, expansão que ganhou força em 2023, quando o Rio Grande do Sul exportou US$ 21,6 milhões.

"A nossa granja ainda não exporta, mas é um espaço que o nosso setor tem buscado, sem deixar de valorizar a tradição que adquirimos. Temos clientes que compram conosco há mais de 40 anos. O ovo é um produto reconhecido como alimento completo, uma fonte nutricional que só fica atrás do leite materno e acessível a todos", diz o empresário.

Pensando nessa qualidade, a Associação Gaúcha de Avicultura (Asgav) criou o programa Ovos RS, que faz o controle e emite um selo para as melhores granjas produtoras de ovos. Entre as 15 credenciadas, nove operam entre a Serra e os vales do Caí e Paranhana.

Diferentemente da cadeia do frango, também com tradição na região, na qual os produtores fornecem os animais às grandes redes, na produção de ovos o sistema é mais individualizado. Mesmo no caso de grandes redes, como é o caso do grupo catarinense Granja Faria, as duas unidades gaúchas, em Farroupilha – Granja Stragliotto – e em Nova Prata – Ovos Prata – mantêm suas marcas e produções centralizadas na propriedade.

Desde os galpões de produção até a classificação de ovos, o investimento em tecnologias evita perdas e melhora a condição de estocagem na Granja Bampi. O investimento no bem estar animal também está em crescimento no setor, até mesmo para garantir o selo de qualidade na produção.

Indústria

Com um século de resistência, fábrica de São Sebastião do Caí busca se reerguer

Indústria de conservas se mantém no Vale do Caí mesmo após várias enchentes no último ano

Eduardo Torres

ODERICH/DIVULGAÇÃO/JC

Retomada a pleno da fábrica da Oderich é fundamental para a reativação da economia da região

Reerguer-se é algo que os 116 anos de história da Oderich, pioneira na produção de conservas em São Sebastião do Caí, e tendo o Rio Caí como um vizinho próximo, já ensinaram. Agora, porém, como conta o responsável pelo marketing da empresa, Thomas Oderich, foi a maior catástrofe já enfrentada, e pode obrigar, por exemplo, a um investimento talvez inédito no Estado, mas fundamental para não abandonar a região onde se originou a empresa.

É avaliada a possibilidade de se construir um imenso muro para cercar a sede. Seriam 40 mil metros quadrados de estrutura equipada com um sistema de comportas, a exemplo do que fizeram algumas empresas de Blumenau, em Santa Catarina, após cheias devastadoras naquela região. Internamente, ações como a elevação de maquinário, geradores, painéis elétricos e estruturas mais delicadas estão sendo feitas, com a ampliação do segundo piso da empresa. Parte da produção pode, inclusive, ser transferida para a unidade da Oderich em Pelotas.

São Sebastião do Caí teve 80% da cidade tomada pela água. Conforme levantamento da Unisinos, a perda estimada na economia da cidade foi de 16,5%, entre maio e julho. Na fábrica da Oderich, na área central da cidade, a água atingiu quatro metros de altura no parque fabril. Agora, três meses depois, ainda não foi possível retomar a operação a pleno, nem aferir o prejuízo completo. Em novembro, durante outra cheia, a perda foi calculada em R$ 40 milhões.

Acreditava-se que a cheia do Rio Caí, ocorrida em 2007, não poderia ser superada. Naquela ocasião, também com a sede tomada pela água, a indústria adquiriu uma área no bairro Vila Rica, onde hoje está a estrutura administrativa e comercial, além do Centro de Distribuição Central. É em uma parte mais alta da cidade e, ainda assim, a água chegou a 1,5 metro de altura. O centro de distribuição, porém, fica mais elevado e não foi atingido. Segundo a direção da Oderich, uma ampliação já era prevista antes das cheias.

De acordo com Thomas Oderich, o esforço para a retomada da produção inclui a reativação de toda a cadeia produtiva. O principal fornecedor de vinagre, fundamental para as conservas, por exemplo, é do Vale do Taquari, e teve a produção interrompida. Outro fornecedor, de caixas de papelão, foi obrigado a fechar a fábrica em Canoas e se instalar em Santa Catarina. E há problemas também na confecção de embalagens metálicas e em sachês, pelas perdas de alguns produtos em estoque.

"Ainda estamos com ruptura no fornecimento de vários produtos ao mercado. Outros tínhamos em estoque, mas iremos retomar", assegura Thomas Oderich.

A recuperação de empresas como a Oderich é fundamental para a economia da região. Para que se tenha uma ideia da sua importância, por exemplo, para São Sebastião do Caí, as exportações de carnes e miudezas em conserva, produzidas lá, respondem por mais de 92% do comércio exterior do município. No primeiro semestre de 2024, São Sebastião do Caí foi o 42º maior exportador gaúcho, com US$ 29,7 milhões negociados - redução de 16,4% em relação ao mesmo período de 2023.

Em todo o Estado, até julho, as exportações tiveram redução de 7,5% em relação ao mesmo período do ano passado.

Vale do Caí e Serra sediam fábricas de doces, geleias e chocolates

Os doces da Bom Princípio Alimentos têm ganhado o Brasil e o mundo com a participação cada vez mais frequente em feiras do setor. Uma estratégia, também, para garantir a expansão da marca. Pode parecer contraditório, mas o que a Bom Princípio Alimentos tem levado a todos os cantos é justamente a tradição da produção de doces do Vale do Caí.

Não se trata de uma indústria com um século de história, mas, como garante o gerente de Marketing da Bom Princípio Alimentos, Marcelo Altenhofen, o relacionamento com os produtores rurais da região, fornecedores para a produção, segue muito próximo e exclusivo. "Muitas vezes ainda recebemos goiabas, por exemplo, entregues de trator aqui na fábrica. São frutas produzidas no Vale do Caí e na Serra. Ao todo, mantemos uma relação muito próxima com 500 famílias produtoras, e muitas delas têm a Bom Princípio como única cliente", explica.

Por isso, a preocupação com os efeitos extremos do clima no agro gaúcho tem mobilizado a empresa. A Bom Princípio garante assessoramento aos produtores em relação às melhores técnicas de manejo de pomares, por exemplo.

Hoje experimentando um crescimento médio de 25% ao ano, com faturamento previsto de R$ 200 milhões para 2024, a Bom Princípio emprega 290 funcionários diretos. E tudo iniciou em 1996, em uma mesa, em Bom Princípio. A tábua era a forma de medir a produção de uma receita alemã de chimia de uva.

A mudança, e o crescimento exponencial, começou em 2009, quando instalou-se em Tupandi. Hoje, a produção está concentrada em 15 mil m². Em 2023, investe R$ 15 milhões para a expansão de mais 5 mil m² na fábrica e em um centro de distribuição em Sapucaia do Sul, na Região Metropolitana.

Em Tupandi, são quatro unidades produtivas. Uma dedicada às frutas, com a confecção de geleias, chimias e pastas, outra às conservas, a terceira aos produtos à base de leite, e a quarta, aos chocolates. Esta última é que tem garantido, inclusive, boa parte da expansão no Brasil, com a venda de recheios para o setor de padarias e confeitarias.

"Hoje produzimos em torno de 1 tonelada de produtos por mês, mas a nossa capacidade é o dobro disso, porque estamos vendo o mercado sempre cinco anos na frente", aponta Marcelo Altenhofen.

É também a tradição que garante o prestígio aos chocolates produzidos em Gramado, na região das Hortênsias. E disso, como garante a Florestal, produtora de doces que adquiriu as marcas Planalto e Caracol Chocolates - duas das mais tradicionais marcas artesanais -, não abre mão.

O chocolate produzido artesanalmente em Gramado tem identificação geográfica reconhecida e, desde 2023, oito marcas locais já foram certificadas com o selo. Desde então, há aumento nas vendas.

Pensando neste aquecimento do mercado, os planos de investimento da Florestal incluem a ampliação da loja-boutique da Caracol, que passará a contar com três pisos. No primeiro, uma loja renovada, no segundo, um restaurante e, no terceiro, um pub roof top.

Painel

Evento do Mapa Econômico em Bento Gonçalves reuniu lideranças para debate

Mais de 200 lideranças regionais participaram do painel do Mapa Econômico do RS em Bento Gonçalves, para debater desafios para a retomada econômica do RS e o desenvolvimento das regiões Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí.

TÂNIA MEINERZ/JC

Gelsi Belmiro Thums, presidente da Cooperativa Santa Clara; empresário Clovis Tramontina, do Conselho da Tramontina; Giovanni Jarros Tunelero (JC); e Daniel Panizzi, presidente da Uvibra

TÂNIA MEINERZ/JC

TÂNIA MEINERZ/JC

Matheus Borges dos Santos, assessor técnico do Crea-RS

TÂNIA MEINERZ/JC

José Rafael Wojtowicz, gerente regional do BRDE

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Ronaldo Zorzi, presidente da Aprovale

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Jocimara Nunes, presidente da Associação de Corretores de Bento

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Diana Costa, gerente comercial da Motiva Móveis

TÂNIA MEINERZ/JC

Italo Zeni Filho, gerente de operações do CIEE-RS na Serra

TÂNIA MEINERZ/JC

Pedro Capeluppi, secretário da Reconstrução do RS

TÂNIA MEINERZ/JC

Marijane Paese, presidente do Inova Bento

TÂNIA MEINERZ/JC

Carlos Lazzari, presidente do CIC Bento Gonçalves

EVANDRO OLIVEIRA/JC

Painel debateu desenvolvimento econômico da Serra Gaúcha

Jornal do Comércio
O jornal de economia e negócios do RS

Projeto:
MAPA ECONÔMICO DO RS 2024

PARTICIPE DO MAPA ECONÔMICO DO RS

Além de fornecer indicadores econômicos cruciais para decisões estratégicas, A nova temporada do Mapa Econômico do RS explora **"iniciativas para impulsionar a recuperação econômica e soluções para uma economia em constante transformação".**

1. Regiões Norte, Noroeste, Missões e Alto Jacuí
Evento já realizado em Erechim no dia **18/07**
Caderno: **29/07**

2. Regiões da Serra, Campos de Cima da Serra, Hortênsias, Vales do Paranhana e do Caí
Evento já realizado em Bento Gonçalves no dia 15/08
Caderno: 22/08

3. Regiões Sul, Centro Sul, Campanha e Fronteira Oeste
Evento em Rio Grande: 17/09
Caderno impresso: **30/09**

Local: **Câmara de Comércio da Cidade de Rio Grande**

Inscreva-se gratuitamente pelo QR Code

4. Regiões Central, Vales e Jacuí Centro
Evento em Santa Maria: **17/10**
Caderno: **22/10**

5. Regiões Metropolitana, Litoral e Vale do Sinos
Evento em Porto Alegre: **19/11**
Caderno: **25/11**

FIERGS · Governo do Estado Rio Grande do Sul · BRDE · CREA-RS · CIEE RS · Corsan · TRAMONTINA